



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ESTUDOS EM CULTURA E TERRITÓRIO -  
PPGCUlt

**WANESSA LORENNNA DE SOUSA MIRANDA COSTA**

**A PANDEMIA DO COVID-19 NO COLÉGIO ESTADUAL JARDIM PAULISTA NA  
PERSPECTIVA DAS MULHERES PROFESSORAS**

Araguaína/TO  
2024

WANESSA LORENNNA DE SOUSA MIRANDA COSTA

**A PANDEMIA DO COVID-19 NO COLÉGIO ESTADUAL JARDIM PAULISTA NA  
PERSPECTIVA DAS MULHERES PROFESSORAS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Lessio Diniz  
Coorientador: Prof. Dr. Yonier Alexander Orozco Marin

Araguaína/TO  
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT  
**Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C837p Costa, Wanessa Lorena de Sousa Miranda.

A pandemia do covid-19 no Colégio Estadual Jardim Paulista na perspectiva das mulheres professoras / Wanessa Lorena de Sousa Miranda Costa. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2024.

96 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) (Pós-Graduação - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território - PPGCult) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.

Orientadora: Vanessa Lessio Diniz.

Coorientador: Yonier Alexander Orozco Marin.

1. Pandemia COVID-19. 2. Mulheres. 3. Educação Básica. **CDD 301.09**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


WANESSA LORENNA DE SOUSA MIRANDA COSTA

A PANDEMIA DO COVID-19 NO COLÉGIO ESTADUAL JARDIM PAULISTA  
NA PERSPECTIVA DAS MULHERES PROFESSORAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território - PPGCult como requisito para obtenção do Título de Mestre e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca examinadora.


Aprovada em: / /2024

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente  
 VANESSA LESSIO DINIZ  
Data: 03/12/2024 17:24:54 -0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Profa. Dra. Vanessa Lessio Diniz – UFNT (Orientadora)

Documento assinado digitalmente  
 YONIER ALEXANDER OROZCO MARIN  
Data: 10/12/2024 11:46:19-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Yonier Alexander Orozco Marin – UFNT (Co-orientador)

Documento assinado digitalmente  
 KÊNIA GONÇALVES COSTA  
Data: 03/12/2024 17:36:30-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Kênia Gonçalves Costa – UFNT (Examinadora)

Documento assinado digitalmente  
 MARIANA LEAL CONCEIÇÃO NOBREGA  
Data: 10/12/2024 10:21:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Mariana Leal Conceição Nóbrega – SAF/MA (Examinadora)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que, com Sua infinita bondade e graça, me manteve firme no propósito. Seus cuidados e amor me fizeram forte diante das adversidades ao longo da jornada, bem como por me permitir conhecer pessoas que me auxiliaram nesse caminho. Nesta caminhada, encontrei pessoas especiais que me ajudaram a fazer deste sonho uma realidade.

Gratidão à minha família, que sempre esteve presente, me apoiando e ajudando, mesmo que indiretamente. À minha querida mãe, Mariza Miranda, que sempre me incentivou a estudar e vibrou com cada conquista na minha vida. Lembro-me quando falei para ela que tinha passado; sua felicidade era tamanha. Ela não teve oportunidade de estudar, e acredito que se realiza ao ver os filhos chegando aonde ela não pôde chegar. Obrigada por tudo, mãe. Gratidão aos meus filhos Delbert Atos e João Pedro, que sempre me incentivaram nesta caminhada, me apoiaram e me deram forças, carinho e motivação diária para não desistir. Gratidão aos meus irmãos Mirna, Grasielle e Marcos, e à minha afilhada Valentina Karajá, que sempre me incentivaram a continuar. Eles acompanharam de perto toda essa trajetória.

Gratidão à minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Vanessa Lessio Diniz, que me fez acreditar que era possível concluir essa pesquisa. Obrigada por sempre me incentivar a não desistir, por sempre me dar forças nos momentos em que mais precisei de apoio, e por suas palavras de carinho, amor e incentivo.

Agradeço também ao meu co-orientador, Dr. Yonier Alexander Orozco Marin, pela disponibilidade, paciência e ajuda nesta trajetória de conclusão da minha pesquisa.

Às amigas e companheiras que sempre estiveram comigo nesta caminhada, obrigada por sempre ouvirem minhas angústias e aflições. Vocês sabem que não é fácil chegar nesta reta final da conclusão dessa pesquisa: às amigas Laudinha, Jaiara e Kamilla.

Agradeço às professoras Dr<sup>a</sup> Kênia Gonçalves Costa e Dr<sup>a</sup> Mariana Leal Conceição Nóbrega, que aceitaram fazer parte da minha banca examinadora.

Gratidão ao bom Deus, que nunca me abandonou e que se fez presente em todos os momentos e na realização desta pesquisa.

## RESUMO

A presente pesquisa analisou narrativas sobre a vida de mulheres professoras do Colégio Estadual Jardim Paulista no período pandêmico, nos anos de 2020, 2021 e 2022, na cidade de Araguaína, Tocantins. Essas professoras tiveram sua jornada de trabalho dobrada, ficando em casa e trabalhando no *home office*. Com a pandemia, todas as aulas foram desenvolvidas sob um modelo remoto, mediadas pelo uso das tecnologias digitais. A pesquisa trouxe informações importantes sobre os desafios encontrados neste período de pandemia. No cenário da educação, com as escolas fechadas e o ensino não presencial, professores(as) de todo o país tiveram que, de uma hora para outra, ministrar aulas não presenciais durante a pandemia da COVID-19. Com a pandemia do coronavírus, as desigualdades que já existiam na educação básica se agravaram ainda mais, ampliando as desigualdades territoriais presentes em nossa sociedade. As aulas remotas mudaram a rotina dos profissionais da educação, que tiveram que se adaptar às novas ferramentas tecnológicas, sem treinamento ou cursos para capacitá-los ao novo formato de ensino remoto. A vida de muitos alunos e do corpo docente foi afetada, sendo necessário mudar suas rotinas para se adaptarem ao novo modelo de estudo e trabalho que surgiu em um período de medo, dúvidas e incertezas.

**Palavras-chaves:** Pandemia COVID-19. Mulheres. Educação Básica. Narrativas. Desigualdades territoriais.

## **ABSTRACT**

*This research will seek to analyze narratives about the lives of women teachers at Colégio Estadual Jardim Paulista during the pandemic period, in the years 2020, 2021 and 2022, in the city of Araguaína- Tocantins. In this qualification text, the research will emphasize the theme of basic teaching education and the methodologies adopted during the pandemic period and what the routine of these women was like during this period. The teachers had their working hours doubled, staying at home and working from the Home Office. With the pandemic, all classes were developed under a remote class model, mediated by the use of digital technologies. The research provided important information about the challenges encountered during this pandemic period. In the education scenario, with schools closed and non-face-to-face teaching, teachers everywhere had to teach non-face-to-face classes from one moment to the next during the COVID-19 pandemic. With the coronavirus pandemic, the inequalities that already existed in basic education became even worse, thus increasing the territorial inequalities that already existed in our society. Remote classes changed the routine of education professionals who had to adapt to new technological tools, without having training or courses to enable them to use the new format of remote classes. The lives of many students and teaching staff were affected, they had to change their routines to adapt to the new model of study and work that emerged in a period of fear, doubts and uncertainty.*

**Keywords:** COVID-19 pandemic. Women. Basic education. Narratives. Territorial inequalities.

## **RESUMEN**

*Esta investigación analizó narrativas sobre la vida de las docentes del Colégio Estadual Jardim Paulista durante el período de pandemia, en los años 2020, 2021 y 2022, en la ciudad de Araguaína-Tocantins. A estos profesores se les duplicó su jornada laboral, quedándose en casa y trabajando desde el Ministerio del Interior. Con la pandemia, todas las clases se desarrollaron bajo un modelo de clases remotas, mediadas por el uso de tecnologías digitales. La investigación proporcionó información importante sobre los desafíos encontrados durante este período pandémico. En el escenario educativo, con las escuelas cerradas y la enseñanza no presencial, los docentes de todas partes tuvieron que impartir clases no presenciales de un momento a otro durante la pandemia de COVID-19. Con la pandemia de coronavirus, las desigualdades que ya existían en la educación básica se agravaron aún más, aumentando así las desigualdades territoriales que ya existían en nuestra sociedad. Las clases remotas cambiaron la rutina de los profesionales de la educación que tuvieron que adaptarse a las nuevas herramientas tecnológicas, sin contar con capacitación ni cursos que les permitieran utilizar el nuevo formato de clases remotas. La vida de muchos estudiantes y docentes se vio afectada, tuvieron que cambiar sus rutinas para adaptarse al nuevo modelo de estudio y trabajo que surgió en un período de miedo, dudas e incertidumbre.*

**Palabras clave:** *Pandemia COVID-19; Mujer; Educación básica; Narrativas; Desigualdades territoriales.*

## LISTA DE SIGLAS

DRE	Diretoria Regional de Ensino
CONSED	Conselho Nacional de Secretários de Educação
COVID-19	Coronavírus2-SARS-Cov-2
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LGBTQI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, intersexuais.
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PROEMI	Programa Ensino Médio
PPGCult	Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEDUC	Secretaria da Educação, Juventude e Esportes do Tocantins
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UE	Unidade Escolar
UFT	Universidade Federal do Tocantins

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Esquema organizacional do texto de qualificação .....	30
Figura 2 - Mapa de Localização do Colégio Estadual Jardim Paulista .....	53
Figura 3 - Fachada principal do Colégio Estadual Jardim Paulista .....	56
Figura 4 - Quadra poliesportiva .....	56
Figura 5 - Espaço de leitura da Biblioteca .....	57
Figura 6 - Rampa de acesso a entrada principal.....	57
Figura 7 - Registros das Reuniões via <i>Google meet</i> com equipe escolar .....	59
Figura 8 - Reuniões via <i>Google meet</i> com alunos e equipe escolar: .....	59
Figura 9 - Registro de conselho de classe .....	59
Figura 10 - Entrega dos roteiros na escola. ....	62
Figura 11 - Roteiros prontos e impressos na UE.....	62
Figura 12 - Entrega dos roteiros <i>in loco</i> . ....	62

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Artigos, dissertações e teses sobre Estudos de Cultura e Território .....	42
Quadro 2. Artigos, dissertações e teses sobre o Covid-19 (2010-2023) .....	44
Quadro 3. Artigos, dissertações e teses sobre TICs no ensino (2010-2023) .....	45
Quadro 4. Artigos, dissertações e teses sobre currículo (2010-2023).....	45
Quadro 5. Artigos, dissertações e teses sobre Gênero.....	46

## SUMÁRIO

<b>MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA NO PERÍODO PANDÊMICO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 O contexto da pandemia covid-19 na vida das mulheres.....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 Contexto da pandemia no sistema educacional.....</b>	<b>25</b>
<b>1.3 Sobre a pesquisa: problemática, objetivos e a organização da dissertação.....</b>	<b>28</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>31</b>
<b>2.1 O sistema educacional brasileiro e suas desigualdades territoriais .....</b>	<b>31</b>
<b>3 PERCURSOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>38</b>
<b>3.1 História oral como recurso metodológico .....</b>	<b>39</b>
<b>3.2 Instrumentos de coleta de dados .....</b>	<b>42</b>
3.2.1 Levantamento bibliográfico.....	42
3.2.2 Levantamentos documental .....	46
3.2.3 Questionários e Entrevistas.....	51
<b>4 RESULTADOS .....</b>	<b>53</b>
<b>4.1 Caracterização do Colégio Estadual Jardim Paulista .....</b>	<b>53</b>
4.1.1 Pandemia no Colégio Estadual Jardim Paulista.....	58
4.1.2 A percepção dos alunos sobre a pandemia .....	64
4.1.3 A percepção das professoras sobre a pandemia .....	68
<b>4.2 A vida das mulheres na pandemia.....</b>	<b>72</b>
4.2.1 Caracterização das professoras.....	73
4.2.2 Rotina de trabalho: tripla jornada .....	74
<b>4.3 Cumprir os horários e metas diárias na pandemia .....</b>	<b>77</b>
<b>4.3 Saúde mental das professoras no período pandêmico .....</b>	<b>79</b>
<b>4.5 Aulas no formato remoto.....</b>	<b>81</b>
<b>4.6 Desafios e dificuldades no retorno das aulas pós-pandemia .....</b>	<b>84</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>91</b>

## **MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA NO PERÍODO PANDÊMICO**

Venho, por meio deste memorial, compartilhar minha trajetória e reflexões sobre minhas vivências como professora na educação básica. Recordo os ensinamentos adquiridos em cada etapa vivida, reconhecendo a influência daqueles que me orientaram e me apoiaram na jornada pedagógica de ser professora.

Através dessas reflexões, compartilho, no meu relato, o quanto é desafiador ser professora, pois demanda uma combinação única de habilidades e dedicação. Além de transmitir conhecimento, as professoras muitas vezes desempenham papéis de mentora, conselheira e cuidadora para seus alunos. Enfrentamos diversos desafios, como a diversidade de aprendizagem, desigualdades sociais, culturais, territoriais, salariais e de classe.

Comecei a lecionar na educação básica em 2016, no mesmo ano em que concluí minha graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Lembro-me da felicidade e emoção que foi vencer essa etapa da minha vida. Na colação de grau, estava extremamente feliz, ansiosa para começar a ministrar aulas.

A primeira escola em que trabalhei foi a Escola Estadual Manoel Gomes da Cunha, onde permaneci de 2016 a 2018. Quando comecei, estava muito feliz e entusiasmada, mas não era fácil lecionar naquela escola, com muitos alunos da zona rural, que enfrentavam carências básicas e onde a desigualdade social se fazia presente a cada dia. Lecionar para eles foi um desafio que nunca irei esquecer. Eram crianças extremamente carentes, não apenas de bens materiais, mas também de palavras de ânimo, carinho, conforto e coragem. Um dos maiores desafios era lidar com o desânimo dos alunos para concluir os estudos; eles não tinham a percepção da importância que a educação poderia ter em suas vidas e não conseguiam visualizar um futuro melhor através do aprendizado.

Em 2019, não consegui renovar meu contrato com a escola e fiquei desempregada por alguns meses. Lembro-me de já estar bem familiarizada com a equipe e os alunos e senti muito a falta de todos. Nesse mesmo ano, fui alocada na Escola Estadual Jardim Paulista. Minha jornada na Escola Jardim Paulista foi de 2019 até 2022. Saí de uma escola pequena, com 400 alunos, e fui para uma escola maior, com mais de 1000 alunos. Foi um grande desafio. Gostava muito de lecionar no Jardim Paulista; nessa escola, cresci e aprendi muito com todos. Os alunos eram mais

evoluídos e o aprendizado fluía com mais facilidade. As salas eram cheias, mas, ao contrário da escola anterior, eles queriam aprender e evoluir. Falavam sobre graduação e tinham uma visão de futuro. Incrível como o ambiente em que estamos inseridos pode influenciar as pessoas. Embora esses alunos também enfrentassem carências, eles tinham a ambição de concluir o ensino e almejavam uma graduação. Pensavam no futuro e falavam sobre ele.

Em 2020, nos deparamos com algo que jamais poderíamos imaginar: a pandemia do Covid-19. Durante o período pandêmico, os desafios que já existiam se intensificaram com a transição para o ensino remoto e a necessidade de nos adaptarmos a novas tecnologias e métodos de ensino a distância. O medo da doença e do desconhecido tomava conta de todos nós. A falta de informação, ou as informações que chegavam rapidamente até nós, eram assustadoras. Tivemos que aprender a trabalhar remotamente sem, muitas vezes, ter o conhecimento técnico necessário. A ansiedade tomava conta sempre que enviávamos um roteiro de estudo para a coordenação, e, às vezes, ele não estava adequado para os estudantes. Não sabíamos como lidar com a gestão do tempo, entre o atendimento aos alunos, as funções domésticas e o cuidado com os filhos. Precisávamos desenvolver a habilidade de nos adaptar a essas mudanças e continuar a apoiar e transmitir segurança aos alunos.

Em 2021, seguimos com os roteiros de estudo, e os desafios continuavam. As demandas não diminuía, e nós, professoras, enfrentávamos uma sobrecarga de trabalho. O medo e a ansiedade ainda faziam parte da nossa rotina. No final de 2021, começaram os retornos dos alunos. O ensino seria híbrido, e, mesmo estando em sala de aula, cumprindo nossas obrigações, tínhamos que continuar fazendo roteiros de estudo, pois nem todos os estudantes haviam retornado. O medo do retorno tomava conta de todos nós. Voltamos com protocolos de segurança, o que nos deixava ainda mais apreensivas, já que precisávamos aprender a conviver novamente em sociedade. Não podíamos mais abraçar, nos aproximar demais dos estudantes ou retirar as máscaras. Os sorrisos estavam escondidos, e o distanciamento se tornou inevitável. Ao mesmo tempo, precisávamos manter um olhar acolhedor, pois os índices de abandono escolar só aumentavam, e os alunos haviam perdido o gosto pelos estudos.

Em 2022, ainda nos adaptávamos à realidade do retorno às aulas, envolvendo a segurança dos estudantes e dos funcionários, a implementação de protocolos de saúde, a adaptação dos currículos para compensar as possíveis lacunas de aprendizado e o suporte emocional. O retorno às aulas foi desafiador. Lidar com todas essas questões e, ainda assim, tentar ser forte e transmitir segurança para os estudantes não foi nada fácil. Alguns colegas de profissão carregam sequelas que provavelmente serão irreversíveis, como perdas, isolamento social e toda uma mudança de rotina.

Ainda hoje, lidamos com as questões e os efeitos da pandemia. É crucial refletir sobre as lições aprendidas, para que possamos, de fato, aprender com tudo o que vivemos.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado em Estudos de Cultura e Território, inserida na Linha 1: *Natureza, Poder e Territorialidades*, trata-se de uma investigação sobre as desigualdades territoriais brasileiras vivenciadas no campo da educação durante o período da pandemia de Covid-19. Em especial, analisa as desigualdades experienciadas na região norte do Tocantins, sob a perspectiva das mulheres professoras do Colégio Estadual Jardim Paulista<sup>1</sup>, localizado na cidade de Araguaína, Tocantins (TO).

Essas desigualdades estão principalmente relacionadas à forma como essas mulheres professoras conciliaram as diversas e complexas novas demandas do *home office* (como o desenvolvimento de metodologias híbridas ou digitais para alcançar os objetivos de aprendizagem com os alunos durante o ensino remoto, para que as desistências e evasões escolares tivessem os menores índices possíveis), juntamente com as tarefas domésticas, o cuidado com os familiares, as inseguranças ocasionadas pelo coronavírus e as diferentes esferas da rotina e da vida pessoal coexistindo simultaneamente no mesmo ambiente de trabalho.

Com a finalidade de entender os desafios enfrentados no Colégio Estadual Jardim Paulista, considerando-o um território no qual se materializam desigualdades, durante o isolamento social ocasionado pela pandemia e no processo de retorno com o ensino híbrido, buscamos destacar as experiências deste contexto pandêmico a partir da perspectiva das mulheres professoras do colégio, pois, a cada dia, surgiam situações diferentes que mudavam a prática pedagógica e as ações de planejamento docente.

Durante os anos de 2020 e 2021, ocorreram muitas mudanças no mundo e no cenário educacional, provocadas pelo coronavírus, um momento em que

---

<sup>1</sup> A escolha de investigar os desafios e impactos da pandemia no Colégio Estadual Jardim Paulista se deu pelo fato de eu também ter vivido a pandemia enquanto professora mulher da instituição. Atuei como professora durante o período da pandemia e vivenciei a dura realidade do ensino remoto, tanto para os alunos quanto para os professores. Enfrentamos muitos desafios, e o *home office* aumentou a jornada de trabalho de todos, acarretando vários problemas. Não foi fácil conciliar o trabalho remoto com os cuidados e a educação dos filhos e as tarefas domésticas. Eu e muitos colegas de profissão tivemos que enfrentar uma tripla jornada de trabalho, tendo que planejar e elaborar roteiros de estudo, gravar videoaulas para serem disponibilizadas aos alunos (sendo que nem todos tinham acesso), cuidar da casa e da família, além de lidar com os desafios emocionais e tecnológicos.

muitos professores e alunos tiveram que se adaptar rapidamente ao novo e desafiador formato de ensino remoto. Nesse momento, deu-se início a um longo período de incertezas, pois surgia na nossa sociedade um fato inusitado, que transformaria drasticamente a vida de todos: um vírus, até então desconhecido, que afetaria a saúde e a rotina de todos.

Os primeiros casos do coronavírus (Covid-19) tiveram origem no mercado de frutos do mar da cidade de Wuhan, localizada na China. As primeiras ocorrências foram relatadas na virada do ano, em 31/12/2019, e a incidência aumentou de maneira exponencial nas primeiras semanas. A partir de meados de janeiro de 2020, ocorreram os primeiros casos confirmados fora da China continental. Durante o mês de fevereiro, o número de países com casos confirmados da doença aumentou de forma considerável, com os primeiros casos sendo confirmados no Brasil.

É importante situarmos que a pandemia da Covid-19 impactou a vida das pessoas em todo o mundo. O coronavírus (Síndrome Respiratória Aguda Grave Coronavírus 2 - SARS-CoV-2) rapidamente se espalhou por todos os continentes, tornando inevitável o fechamento de estabelecimentos comerciais, financeiros, escolas, entre outros, e dando início ao isolamento social devido à rápida e alta taxa de contaminação do vírus. Com a chegada do vírus em nossa cidade, várias medidas de isolamento social foram tomadas, sendo uma delas o fechamento das escolas. A partir desse momento, começava o estudo remoto. De acordo com Brunet, Santos e Anunciação (2022, p.88):

Face à grave crise sanitária pública ocasionada pelo agente patogênico coronavírus, responsável pelo surgimento da doença COVID-19, a organização Mundial da Saúde, no dia 11 de março de 2020, elevou a situação de emergência de saúde para pandemia internacional, frente a disseminação comunitária em todos os continentes.

No Brasil, as primeiras medidas para o enfrentamento da COVID-19 “foram normatizadas através da Lei Federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, e, posteriormente, os estados e municípios estabeleceram os instrumentos regulatórios para os seus sistemas” (OMS, 2020, p. 01). Nessa direção, com base em Diniz e Silva (2020), as medidas de proteção para o enfrentamento da emergência de saúde pública gerada pela COVID-19 no estado do Tocantins se fizeram presentes a partir do ato normativo MEI SEDGD/SGDP nº 19, de 12 de

março de 2020, com alterações dadas pelo MEI SEDGD/SGDP nº 20, de 13 de março de 2020, e nº 21, de 16 de março de 2020, que suspendeu todas as atividades escolares e em creches no formato presencial em todo o estado.

Com o intuito de entender a complexidade enfrentada pelos profissionais da educação básica durante a pandemia na cidade de Araguaína, buscamos compreender como as professoras lidaram com a dupla jornada de trabalho, trazendo para a pesquisa um recorte do período vivido durante a pandemia da Covid-19 até o retorno ao ensino híbrido (de 2020 a meados de 2022).

Neste contexto, esta pesquisa surgiu a partir de diversas questões, a saber: Como ficou a rotina de trabalho das professoras durante a pandemia? Elas receberam algum apoio ou suporte para atuar em plataformas digitais durante a fase de ensino remoto? Quais foram as maiores dificuldades encontradas para trabalhar no home office? Foi possível separar os horários de trabalho dos horários destinados à família, à casa e a outras funções pessoais? Como ficou a saúde mental dessas professoras durante a pandemia?

A partir desses questionamentos, a pesquisa teve como objetivo geral investigar os impactos da pandemia no Colégio Estadual Jardim Paulista, sob a perspectiva das mulheres professoras, narrando suas experiências com as aulas não presenciais durante o período da pandemia da COVID-19 e o retorno com o ensino híbrido.

Para tanto, como objetivos específicos, buscamos: 1) identificar as principais mudanças na rotina de trabalho das mulheres professoras no período da pandemia da COVID-19 no Colégio Estadual Jardim Paulista, na cidade de Araguaína; 2) investigar as metodologias pedagógicas desenvolvidas pelas professoras na escola, relacionadas ao ensino à distância; 3) analisar as estratégias utilizadas na implementação de ações voltadas ao ensino remoto, além das principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes; 4) levantar as condições de trabalho das mulheres docentes durante a pandemia, compreendendo as principais dificuldades por elas enfrentadas.

A escolha de focalizar na perspectiva das professoras sobre o contexto pandêmico também se alicerçou em estudos que comprovaram, ainda durante a pandemia, que o grupo social mais sobrecarregado pelas novas rotinas de trabalho provocadas pelo isolamento social foram as mulheres (Araújo; Yannoulas, 2021; Almeida et al., 2021).

A metodologia escolhida para o estudo foi a pesquisa qualitativa, com uma abordagem focada em aspectos subjetivos, os quais podem ser analisados de forma a compreender os valores e as relações humanas de um determinado grupo social. A pesquisa apresenta fatores estimulantes e desafiadores, com o objetivo de contribuir para a construção e reflexão do conhecimento, além das novas práticas vivenciadas no espaço escolar.

A coleta de dados foi realizada por meio de levantamento bibliográfico, levantamento documental, questionários e entrevistas com quatro (04) professoras da educação básica que atuam no colégio investigado. Essas entrevistas geraram narrativas, que foram utilizadas como instrumento de investigação e informação. As professoras refletiram, por meio de entrevistas presenciais, sobre suas práticas docentes durante o período não presencial, os desafios enfrentados, as estratégias de superação adotadas e a promoção do desenvolvimento profissional. As narrativas individuais, produzidas com base na metodologia de história oral, serão mediadoras de todo o processo de reflexão da pesquisa.

### **1.1 O contexto da pandemia Covid-19 na vida das mulheres**

As mulheres, professoras, mães e donas de casa, tiveram suas vidas transformadas pelas jornadas de trabalho excessivas durante a pandemia. Esse sobrecarga de atividades resultou no surgimento de várias doenças, especialmente aquelas que impactam a saúde mental.

Durante esse período, as professoras enfrentaram jornadas de trabalho dupla ou tripla, sem o devido apoio ou suporte para a realização das atividades. As mudanças repentinas no ensino evidenciaram o que muitas já faziam: além de seus serviços profissionais, elas se ocupavam dos trabalhos domésticos e eram as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos e familiares. Com a pandemia e a chegada do *home office*, a jornada de trabalho se tornou ainda mais exaustiva. As atividades domésticas e o cuidado integral dos filhos tornaram-se mais árduos e cansativos para as mulheres, especialmente porque, culturalmente, foi construída a ideia de que o serviço doméstico não remunerado era uma obrigação exclusiva da mulher.

De acordo Ávila e Ferreira (2014, p. 23)

Os movimentos das mulheres entre trabalho remunerado e trabalho não remunerado são marcados pela permanência da divisão sexual do trabalho. Se a participação das mulheres no mercado de trabalho se ampliou consideravelmente nas últimas décadas, este movimento não foi acompanhado pela ruptura das rígidas fronteiras da divisão do trabalho na esfera familiar. As mulheres ampliam sua participação no trabalho remunerado carregando consigo as tarefas domésticas e de cuidado, enfrentando no cotidiano uma tensão permanente. Se há variações na participação das mulheres no mercado de trabalho, a participação no trabalho doméstico permanece invariável. Não se trata, como querem as análises funcionalistas, de uma difícil conciliação de papéis, mas de um antagonismo que está no âmago da conformação das relações sociais de sexo em uma sociedade patriarcal (Ávila; Ferreira, 2014, p.23).

As professoras tiveram suas vidas rapidamente transformadas, com os processos de ensino e aprendizagem acontecendo no formato não presencial. Além disso, elas precisaram manter uma dupla jornada de trabalho, conciliando as atividades profissionais com o trabalho doméstico. Muitas ainda eram responsáveis pelo cuidado dos filhos e outros familiares. Historicamente, as mulheres que trabalham fora de casa sempre tiveram uma jornada maior do que a dos homens. Com a pandemia e o isolamento social, essa disparidade foi ainda mais acentuada. Segundo Guimarães (2016):

Por isso se construiu o conceito feminista de dupla ou tripla jornada de trabalho das mulheres, que ao chegarem em casa de seu trabalho remunerado, necessitam se dedicar a tarefas reprodutivas que não são contabilizadas social ou economicamente. E a intensidade dessas várias jornadas de trabalho tem estreita relação com a classe e a raça das mulheres. Quando o trabalho doméstico é remunerado, a questão da sua naturalização como trabalho de mulher gratuito e sua invisibilidade, contribui para a definição dos (baixos) salários, (poucos) benefícios e (quase inexistentes) garantias (Guimarães, 2016, p.08).

Segundo Ávila e Ferreira (2014), embora se reconheça que, antes do capitalismo, já existiam outras formas de divisão do trabalho entre homens e mulheres, hoje as mulheres assumem a maior parte das responsabilidades domésticas, mesmo trabalhando fora de casa. Como é mostrado no trecho a seguir:

No Brasil da última década, ocorreram mudanças radicais no estatuto social das mulheres. Maior nível de escolaridade, aumento expressivo da participação na força de trabalho, queda da natalidade e mais acesso à independência econômica e jurídica configuram esse novo quadro. Mais instruídas, as brasileiras vêm aumentando de forma significativa e constante sua participação no mercado de trabalho; nesta década, ocorreu um incremento de 24% na atividade feminina.

O perfil da trabalhadora também mudou, a maioria é casada e tem filhos. A maternidade não afasta mais as mulheres do trabalho, continuam ativas na fase reprodutiva, o que não ocorria anteriormente. Caminho sem volta, as mulheres já são 44% da população economicamente ativa e 91% das entrevistadas considera que o trabalho remunerado é fundamental em sua vida. A família, não escapou desta vaga de mudanças, tende a desaparecer o arranjo familiar que atribui prover o sustento da casa exclusivamente ao homem (Ávila; Ferreira, 2014, p. 08).

As autoras destacam a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, evidenciando que elas têm ocupado espaços anteriormente dominados apenas pelos homens. Essas mudanças têm um impacto significativo em suas vidas, pois, além de ingressarem no mercado de trabalho, começam a contribuir para o sustento da casa, uma responsabilidade que antes era exclusiva do homem. Como afirmam Ávila e Ferreira (2014):

Uma realidade imune à mudança, a injusta distribuição entre os sexos do tempo gasto em afazeres domésticos permaneceu intocada na última década. As mulheres continuam as principais responsáveis pelos cuidados com a casa, com as crianças, com os idosos e os doentes. Dedicam 25 horas por semana ao trabalho doméstico, um pouco menos que as 27 horas gastas em 2002; já a situação dos homens permanece inalterada: continuam despendendo 10 horas como faziam anteriormente. Enquanto para as mulheres renda é um fator que afeta o tempo consumido em afazeres domésticos porque permite obter ajuda paga; para os homens, posição de classe e renda são indiferentes, não tem impacto sobre o tempo que gastam nos serviços da casa, como mostra Bila Sorj, em seu artigo “Arenas de cuidado nas intersecções entre gênero e classe social no Brasil (Ávila; Ferreira, 2014, p. 09).

Essa visão é corroborada por Guimarães (2016), que aponta que, ainda hoje, há uma resistência à mudança de comportamento social. Para que essa desigualdade seja superada, é necessário promover uma transformação cultural. Como afirmam Ávila e Ferreira (2014):

Os dados são gritantes. Trabalho doméstico não é compartilhado com os homens: todas as mulheres realizam tarefas em casa e 71% dentre elas não contam com qualquer ajuda masculina. Cerca de 60% acreditam que os maridos dão mais trabalho do que ajudam. A ausência sistemática dos homens nas atividades cotidianas dos serviços da casa é ressaltada por Maria Betânia Ávila e Verônica Ferreira. A percepção dos entrevistados de que as mulheres são as maiores, senão as únicas, responsáveis pelo trabalho doméstico vem sendo apontada de longa data em estudos feministas. Coincide com a opinião expressa pelos entrevistados em recente pesquisa Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado da Fundação Perseu Abramo. É comprovada pelos dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE (Ávila; Ferreira, 2014, p. 09).

Para Ferreira e Ávila (2014), no contexto atual, as mulheres estão cada vez mais inseridas no mercado de trabalho, sem que isso signifique uma transformação na sua relação com o trabalho doméstico. Dessa forma, fica evidente que as mulheres sempre tiveram jornadas de trabalho mais extensas do que os homens. Ainda acrescentam as autoras:

As desigualdades de classe e de raça entre mulheres são, historicamente, um determinante da sua inserção na relação trabalho doméstico/trabalho assalariado. O trabalho doméstico sempre foi de responsabilidade das mulheres, para as mulheres de todas as classes. Há, no entanto, uma desigualdade social histórica na forma de enfrentar essa relação (Ávila; Ferreira, 2014, p.18).

As desigualdades raciais e de gênero entre as mulheres são históricas e remontam a uma longa luta, na qual muitas mulheres ainda sofrem com a desvalorização salarial e a sobrecarga de trabalho. De acordo com Guimarães (2016), os padrões de desigualdade que vivenciamos hoje foram construídos historicamente e têm suas raízes em uma dominação colonial, um capitalismo subdesenvolvido e uma divisão sexual e racial do trabalho (tanto nacional quanto internacional). No que se refere ao Brasil, Ávila e Ferreira trazem outros dados, corroborando que:

Quando o trabalho doméstico é feito remuneradamente por alguém exterior ao grupo familiar que habita um mesmo espaço, é, em geral, feito por mulheres, trabalhadoras domésticas. No caso do Brasil, são as mulheres negras que conformam a maioria dessa categoria de trabalhadoras. A associação entre trabalho doméstico e emprego doméstico é um dado histórico tanto em países do Norte quanto do Sul, portanto, uma elaboração sobre o primeiro não pode desconhecer a existência dessa relação criada no seu interior (Ávila; Ferreira, 2014, p.21).

Atreladas às desigualdades no campo do trabalho doméstico, estão as violações dos direitos das mulheres, que são historicamente desiguais. As mulheres sofrem abusos e maus-tratos em todas as esferas sociais. A violência de gênero é uma triste realidade vivenciada por muitas mulheres no Brasil, e, na grande maioria das vezes, ocorre no próprio lar, sendo geralmente praticada pelo parceiro. Nesse contexto, o homem exerce sua força e poder sobre a mulher, deixando-a em uma situação de impotência e fragilidade.

Segundo o Mapa da Violência, o número de vítimas do sexo feminino, que chega a 2,4 milhões, quase duplica os números masculinos, que são de 1,3 milhão. Assim, 1,8% do universo masculino contra 3,1% do feminino foram vítimas de agressão por alguém conhecido (Mapa da Violência, 2015). A violência contra as mulheres é definida de formas diversas por vários autores. Aqui, adotamos o conceito de Schraiber (2005, p. 37), que define a violência contra a mulher da seguinte forma:

Atos dirigidos contra a mulher que correspondem a agressões físicas ou ameaças, a maus tratos psicológicos e a abusos ou assédios sexuais. Quando referida como violência doméstica, são atos cometidos por um membro da família ou pessoa que habite ou tenha habitado, o mesmo domicílio. Nesse caso, as mulheres podem estar envolvidas na situação tanto de agredidas como agressoras (Schreiber, 2005, p.37).

Quando uma mulher sofre violência do marido e, posteriormente, repete esse comportamento com os filhos, ela se torna, simultaneamente, vítima e autora desses abusos domésticos. A seguir, apresentamos outra definição de violência. Para Vilela (1977), a violência é:

Toda iniciativa que procura exercer coação sobre a liberdade alguém, que tenta impedir a liberdade de reflexão, de julgamento, de decisão e que terminar por rebaixar alguém ao nível de meio ou instrumento num projeto, que absorve e engloba, sem tratá-lo como parceiro livre e igual. A violência é uma tentativa de diminuir alguém, de constranger alguém a renegar-se a si mesmo, a resignar-se a situação que lhe é proposta, a renunciar a toda a luta, a abdicar de si (Santos *apud* Vilela, 2011, p.68).

A partir dessa concepção de violência, observamos a violação dos princípios humanos, como as condições físicas, psíquicas, intelectuais, morais e de liberdade do indivíduo. A violência doméstica contra a mulher atinge todas as classes sociais, sendo, portanto, caracterizada como uma violação dos direitos humanos no âmbito familiar. Quando há conflitos envolvendo homem e mulher, entende-se também como violência de gênero.

É importante salientar que o termo gênero trata das desigualdades de poder impostas entre homens e mulheres, sendo essas relações percebidas a partir da dominação que o homem exerce sobre a mulher, utilizando sua força física para oprimir, intimidar e agredir a vítima. Por ser vista como mais fraca, a

mulher acaba sendo agredida e sofrendo todas as consequências dessa relação de poder.

Seguindo essa concepção, observamos o resultado de uma ideologia de dominação masculina, produzida e reproduzida diariamente nos lares de todo o Brasil, uma triste realidade que afeta muitas mulheres. Chauí (1985) define a violência como uma ação que transforma diferenças em desigualdades hierárquicas, com o objetivo de dominar, explorar e oprimir.

A maioria das pesquisas indica que as mulheres são as principais vítimas nas relações conjugais, especialmente quando se trata de violência física. O homem, por ter mais força, domina a mulher, deixando-a sem chances de defesa. A pesquisa de Gregori (2005) revela que, na dinâmica da relação, a mulher frequentemente assume dois papéis: como vítima, quando não denuncia o abuso e se torna cúmplice de seu parceiro, e como denunciante, ao assumir o papel de superioridade ao homem ao expor o agressor.

Não se pode compreender a violência como algo que ocorre fora de uma relação de poder. As mulheres lutam por essa igualdade de gênero há anos. Negar essa violência entre parceiros é fechar os olhos para um problema que afeta muitas mulheres. Nessa perspectiva, Schreiber (2005) destaca que:

Entre parceiros íntimos é comum a alegação, por parte de quem agride, seja física, psicológica ou sexualmente, de que “perdeu o controle”, muitas vezes, compondo esse argumento com o seu exato oposto: “Bato para ensinar quem não tem controle sob seus atos”, algo como a antiga tradição de disciplinar crianças, ou, no caso das mulheres adultas, pessoas que, por suporem sua “falta de domínio emocional tal como um homem adulto teria”, são enfatizados, assim devendo ser ensinadas a “comportar-se”. De fato incompreensível! (Schreiber, 2005, p.15).

A mulher vítima de violência doméstica sofre em silêncio em seus lares, temendo seus parceiros. Essa é uma desigualdade com a qual as mulheres convivem diariamente, marcada pelas cicatrizes que a violência deixa em suas vidas. Ribeiro e Silva (2015, p. 95) definem a violência doméstica contra a mulher como flagrante, independentemente de qualquer característica ou peculiaridade, como idade, cor, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual ou condição social da mulher vítima.

Comportamento algum justifica a violência, independentemente do motivo. A violência é um crime que não distingue raça, idade ou condição social,

mas há uma grande diferença entre pessoas com maior poder financeiro: essas geralmente não se calam e denunciam. Já as mulheres em situação de vulnerabilidade tendem a se calar, temendo denunciar seus parceiros por medo, vergonha ou até mesmo por dependência financeira.

Diante desse cenário de desigualdade no trabalho doméstico e de violência de gênero, é possível justificar a importância de compreender o impacto da pandemia no Colégio Estadual Jardim Paulista sob a perspectiva das mulheres professoras. Essas profissionais foram afetadas de maneira distinta no desenvolvimento de seu trabalho e no cotidiano, refletindo a estrutura patriarcal que ainda prevalece na sociedade brasileira.

## **1.2 Contexto da pandemia no sistema educacional**

As desigualdades territoriais, que já existiam, se acentuaram com a pandemia. No campo da educação brasileira, muitos alunos que ficaram sem acesso às aulas presenciais enfrentaram dificuldades durante o desenvolvimento do ensino remoto, sendo os mais prejudicados os estudantes das escolas públicas. Isso ocorreu devido à falta de condições para assistir às aulas remotas de forma online, devido à carência de acesso a computadores e à internet de qualidade.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2021), o Brasil registrou uma média de 279 dias de suspensão das atividades presenciais durante o ano letivo de 2020, o que trouxe consequências graves para o processo de ensino-aprendizagem e para os aspectos de sociabilidade. Essas consequências se agravaram ainda mais para os estudantes das escolas públicas, devido à falta de acesso aos meios tecnológicos necessários para assistir às aulas remotas. Como resultado, muitos estudantes foram forçados a desistir dos estudos, sendo essa uma das consequências da pandemia.

O presidente do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), Vitor de Ângelo, explicou que essa realidade não apenas aumentou os déficits educacionais, mas também agravou as desigualdades, “tanto na comparação entre as redes públicas e privadas, quanto entre as redes públicas

de diferentes regiões do Brasil, ou até mesmo dentro das próprias redes públicas” (Agência Senado, 2021).

Muitos alunos das escolas públicas precisaram abandonar a escola e desistir das aulas, sendo obrigados a ajudar no sustento da casa. A pandemia agravou a crise econômica do Brasil, resultando em desemprego para muitas famílias, que chegaram até a passar fome. Sem acesso à escola e até mesmo às aulas remotas, esses alunos ingressaram precocemente no mercado de trabalho. O ensino remoto evidenciou uma série de desigualdades que já existiam, sendo a desigualdade social uma das principais. Famílias que perderam seus empregos tiveram que permanecer em casa, enquanto os trabalhadores sem carteira assinada ficaram desamparados, sem apoio algum.

Com base em Diniz e Silva (2020), na realidade do norte do Tocantins, o aspecto mais agravante da pandemia foi que a maioria dos estudantes não dispunha dos recursos necessários para acompanhar as atividades online. Além disso, somava-se a esse cenário o contexto social imposto por uma crise de saúde de alcance internacional, que provocou o distanciamento social, gerou uma redução nos debates e nas definições acadêmicas habituais do ambiente presencial, e causou constante aflição em relação à saúde física e mental, tanto da própria pessoa quanto dos familiares e das pessoas do convívio diário.

Assim, a falta de engajamento nas aulas remotas esteve diretamente relacionada ao contexto pandêmico vivido por cada família. Para participar das aulas, era necessário ter acesso a computadores, tablets ou celulares, além de uma conexão de internet. No entanto, para muitos, as condições socioeconômicas de suas famílias impediram a frequência às aulas, devido à falta de equipamentos, acesso à internet de qualidade e de ambientes adequados para estudar em casa.

Outro fator importante foi a necessidade de as redes de ensino se adaptarem rapidamente a essa nova realidade, o que envolveu alterações nos calendários escolares, na forma de registrar a frequência escolar e na avaliação do desempenho dos estudantes. Essas adaptações variaram entre estados e municípios ao longo do ano, o que representou uma série de desafios para a análise dos dados de rendimento escolar de 2020 (Trajetória Escolar, 2021).

Também podemos destacar o despreparo e a falta de condições das escolas para as aulas remotas, como a escassez de equipamentos e a ausência

de suporte tecnológico adequado. A maioria das escolas não dispunha da infraestrutura necessária para oferecer aulas a distância, e o ensino online exigia ferramentas e abordagens completamente diferentes do ensino presencial. De acordo com a Unieducar (2018, p. 01), a Pesquisa TIC Domicílio apontou que mais de 30% dos lares no Brasil não possuíam acesso à internet, que era praticamente indispensável para o serviço de ensino remoto.

Sobre essa pesquisa, Queiroz (2020) aponta que as desigualdades sociais regionais no Brasil estão diretamente relacionadas à falta de autonomia dos alunos para a aprendizagem por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), além da ausência de qualificação profissional dos professores para utilizar recursos digitais.

Assegurar a educação de qualidade é um direito garantido por lei e deveria ser garantido a todos. No entanto, as mazelas da sociedade fazem com que muitos tenham esse direito negado, causando consequências que se agravam ao longo dos anos. Sem acesso à educação, crianças e jovens em situação de vulnerabilidade nunca terão a oportunidade de reverter o quadro de pobreza em que se encontram. De acordo com o artigo 6º da Constituição Federal de 1988:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Brasil, 1988).

Desta forma, o acesso à educação básica e de qualidade é um direito social que deve ser garantido a todos os cidadãos. As desigualdades já existiam antes da crise da pandemia da Covid-19, mas se acentuaram com a crise econômica que afetou milhares de famílias. Isso reforça a importância de assegurar os direitos fundamentais previstos pela Constituição, especialmente em momentos de crise, para evitar que as disparidades sociais se aprofundem ainda mais.

Para Andrade e Pochmann (2020, p. 209), “os docentes se veem diante do desastre de procurarem outras formas de ensino, compreendendo desde as atividades realizadas em ambiente virtual até o esforço para atrair a atenção dos estudantes a distância.” Toda a rotina de estudo e trabalho foi alterada. Estudantes e professores saíram do ambiente presencial de sala de aula e passaram a adotar o método de ensino remoto. O isolamento social, necessário

para conter o avanço da pandemia, levou todos a se depararem com o novo e desconhecido, o que gerou grande apreensão.

Outro fator importante é da disparidade entre escolas públicas e privadas no retorno das atividades presenciais nas escolas brasileiras durante a pandemia:

A pesquisa *Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil*, que contempla toda a educação básica, aponta que 9 em cada 10 escolas (90,1%) não retornaram às atividades presenciais no ano letivo de 2020. No entanto, é na comparação entre as escolas públicas e particulares que as desigualdades começam a aparecer. No ensino privado, 70,9% das escolas ficaram fechadas no ano passado. O número é consideravelmente menor que o da rede pública: 98,4% das escolas federais, 97,5% das municipais e 85,9% das estaduais (Brasil, 2021, p.01).

Essa desigualdade de acesso à educação reflete as disparidades estruturais do país e agrava a exclusão social. Embora o foco deste trabalho seja a análise das condições enfrentadas pelas mulheres professoras durante a pandemia, ele também evidenciará a desigualdade territorial, que foi acentuada pela crise sanitária. A pandemia expôs e intensificou as desigualdades sociais e educacionais no Brasil. Muitos alunos, especialmente os da rede pública, ficaram sem acesso às aulas presenciais e remotas, devido à falta de condições adequadas, como o acesso à tecnologia e à internet. Dessa forma, os estudantes das escolas públicas foram os mais prejudicados, impossibilitados de acompanhar o conteúdo escolar durante esse período.

### **1.3 Sobre a pesquisa: problemática, objetivos e a organização da dissertação**

Diante do contexto apresentado, esta pesquisa de mestrado enfoca as desigualdades territoriais sob a perspectiva educacional, entrelaçadas com as desigualdades de gênero enfrentadas durante a pandemia. O estudo se concentra no Colégio Estadual Jardim Paulista, analisando as experiências vivenciadas pelas mulheres professoras nesse contexto. Investigamos as políticas públicas voltadas para a educação básica e o enfrentamento das professoras durante o período de isolamento social, quando se viram forçadas a assumir os papéis de mães, professoras e esposas em tempo integral, lidando

com as pressões sociais, profissionais e emocionais que surgiram com a chegada do coronavírus no Brasil.

A pesquisa teve como objetivo central identificar e problematizar as consequências do impacto da pandemia de Covid-19 na vida das professoras e de seus familiares no Brasil, desde fevereiro de 2020. Como será discutido adiante, a docência na educação básica é uma profissão predominantemente feminina. A pesquisa busca refletir a partir das narrativas dessas mulheres, avaliando as repercussões da pandemia em sua vida profissional e nas rotinas familiares, ao mesmo tempo em que examina a questão da igualdade de gênero dentro desses agregados familiares. Para isso, os objetivos específicos desta pesquisa serão apresentados a seguir, a fim de orientar a análise dos impactos dessa crise nas vivências dessas mulheres docentes.

## **Objetivos**

### *Objetivo Geral:*

Analisar os impactos e desafios da pandemia do Colégio Estadual Jardim Paulista a partir da perspectiva das mulheres professoras durante o ensino remoto, o retorno das atividades de forma híbrida e as principais alterações na rotina do trabalho pós-pandemia.

### *Objetivos específicos:*

- Identificar as principais mudanças na rotina de trabalho das mulheres professoras no período da pandemia Covid-19 para atender ao ensino remoto no Colégio Estadual Jardim Paulista na cidade de Araguaína-Tocantins;
- Investigar as metodologias desenvolvidas pelas professoras na escola relacionadas ao ensino à distância, e as estratégias utilizadas na implementação de ações voltadas ao ensino remoto e as principais dificuldades das professoras e estudantes;
- Compreender as condições das mulheres docentes durante a pandemia em relação ao contexto de produção dos materiais para o ensino remoto; evidenciando as dificuldades enfrentadas pelas professoras da unidade escolar no período pandêmico.

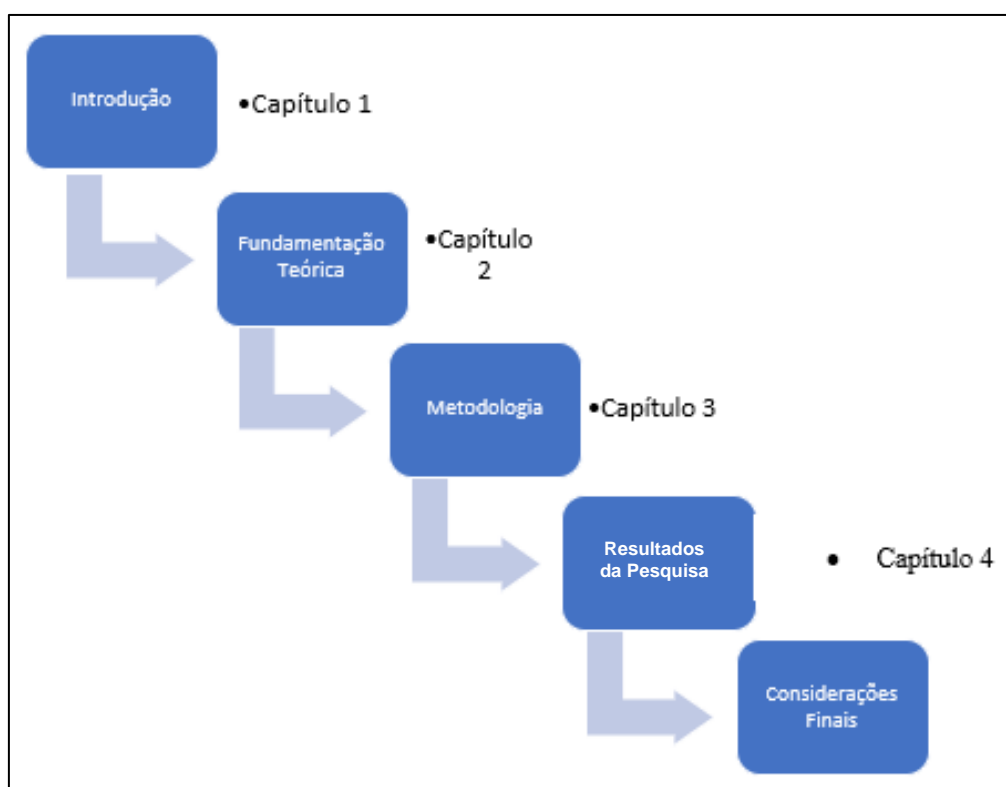
## Organização do texto

Além desta introdução, estruturamos este trabalho em três capítulos, conforme ilustrado na Figura 1. No Capítulo II – *Fundamentação Teórica*, apresentamos a perspectiva teórico-metodológica que fundamenta a pesquisa, e os referenciais que ajudam a compreender os processos educacionais, culturais e territoriais nos quais os alunos das escolas públicas estão inseridos.

No Capítulo III – *Percursos Metodológicos*, expomos o referencial metodológico da História Oral, que orientou as análises deste estudo, e descrevemos os instrumentos utilizados para a coleta de dados da pesquisa.

Por fim, no Capítulo IV – *Resultados e Discussões*, caracterizamos o Colégio Estadual Jardim Paulista, detalhando o impacto da pandemia na escola, as estratégias adotadas pela equipe escolar durante o período de ensino remoto e o processo de retorno das aulas no pós-pandemia. Como apresentado na figura a seguir:

Figura 1 - Esquema organizacional do texto



Fonte: de autoria própria.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A fundamentação teórica de qualquer pesquisa reflete os contextos do tempo presente, no qual ela é formulada, com o objetivo de compreender da melhor forma possível a complexidade dos processos que pretende investigar (Diniz, 2019). Neste sentido, esta dissertação busca entender as desigualdades territoriais brasileiras no campo da educação, explorando os impactos e desafios da pandemia no Colégio Estadual Jardim Paulista, sob a ótica das mulheres professoras durante o ensino remoto.

A análise é construída a partir de referenciais que discutem a complexidade do sistema educacional desigual brasileiro, bem como os desafios enfrentados pelos profissionais da educação durante a pandemia. Entre esses desafios estão a readaptação curricular, o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e as novas demandas do trabalho remoto, que impuseram novas realidades e exigências para as escolas e seus profissionais.

### **2.1 O sistema educacional brasileiro e suas desigualdades territoriais**

A educação no Brasil tem sua história marcada por eventos que evidenciavam a discriminação e a segregação de raças e povos. Enquanto os filhos dos portugueses recebiam um ensino de qualidade em escolas bem estruturadas, os indígenas eram relegados a aulas em locais improvisados, conhecidos como missões, com o único intuito de convertê-los à fé cristã e educá-los de acordo com os valores da sociedade colonial. Essa educação imposta aos indígenas era bem distante da que os filhos dos portugueses recebiam. Além disso, a educação formal no Brasil colonial era destinada, sobretudo, aos homens.

De acordo com Gazeta (2018), a discriminação social era evidente, resultando em diferenças claras entre a educação oferecida aos estudantes indígenas e aquela dada aos filhos dos portugueses. O ensino era uma ferramenta de exclusão, onde o acesso ao conhecimento e à educação de qualidade era restrito a um grupo privilegiado, perpetuando a desigualdade e a marginalização das populações indígenas e de outras classes sociais.

Na outra ponta da educação, com um atendimento diferenciado, estavam os filhos dos portugueses e descendentes de europeus, que também frequentavam as aulas dos jesuítas, mas com um ensino mais aprofundado, que incluía diversas outras disciplinas. O conhecimento repassado a esses alunos não se limitava ao ensino religioso, abrangendo também conteúdos voltados para as letras e outras áreas do saber. A diferenciação no ensino para esse público privilegiado era uma demanda vinda da própria elite colonial que residia no Brasil, que buscava garantir uma educação de qualidade para seus filhos, reforçando as desigualdades sociais da época.

Mesmo com toda a segregação étnico-racial no ensino, existia entre os índios e portugueses um documento curricular criado pelos jesuítas, chamado *Ratio Studiorum*, elaborado em 1599. As diretrizes desse importante documento eram baseadas nos conteúdos pensados pela Igreja Católica para a formação educacional. De acordo com Gazeta (2018), os conteúdos fundamentais do *Ratio* incluíam o ensino da gramática média, da gramática superior, das humanidades, da retórica, da filosofia e da teologia, com o objetivo de formar indivíduos em consonância com os valores cristãos da época.

A partir desse momento, houve uma expansão das escolas em várias regiões do país, fundadas pela Companhia de Jesus. A Companhia de Jesus permaneceu à frente das escolas no Brasil durante quase dois séculos, até ser interrompida e expulsa pelo Marquês de Pombal. Influenciado pelas ideias iluministas, Pombal deu os primeiros passos para a implementação de uma educação pública no Brasil.

A luta contra as desigualdades na sociedade e no ambiente escolar tem sido uma questão abordada por aqueles com poder de governar, desde a época da Coroa Portuguesa e os padres jesuítas, até os dias atuais, por meio dos políticos. Pensar em uma educação de qualidade e acessível a todos é um ideal, mas difícil de alcançar, visto que as mazelas sociais no Brasil só aumentam com o tempo. Estudantes de classes mais baixas, com menos poder financeiro, enfrentam dificuldades que afetam diretamente seus estudos, interrompendo seus sonhos e metas. Muitos, ao se verem obrigados a parar de estudar para trabalhar e ajudar no sustento da família, acabam contribuindo para o crescimento das disparidades sociais, perpetuando o ciclo da pobreza e reduzindo suas perspectivas para um futuro próspero.

Com a pandemia de Covid-19, as desigualdades que há muito tempo afetam o país, especialmente na educação de crianças e adolescentes, tornaram-se ainda mais evidentes. A crise social e econômica que já existia se agravou com a chegada do vírus, intensificando esses problemas. O Estado é o agente responsável por promover as mudanças necessárias ao longo dos anos. Quando essas mudanças não acontecem, as pessoas com menos recursos econômicos, principalmente as classes de baixa renda e média, sofrem pela falta de acesso a uma educação de qualidade, assistência médica e social, lazer e infraestrutura adequados. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB-9394/96) reafirma o direito à educação, garantido pela Constituição Federal:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1996, p.08).

Esta lei estabelece os princípios da educação e os deveres do Estado em relação à educação escolar pública, definindo as responsabilidades, em regime de colaboração, entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, assegurando por lei o ensino público de qualidade para todos e todas.

Assim, a escola pública deve ser vista como um território pertencente a diferentes grupos sociais e culturais, refletindo distintas visões de mundo, de ensino e de aprendizagem, que buscam compreender as contradições e as demandas provocadas pelos processos de globalização econômica e de mundialização da cultura, os quais têm intensificado a divisão do mundo em 'ricos' e 'pobres', 'civilizados' e 'selvagens', 'nós' e 'eles', 'incluídos' e 'excluídos' (Ortiz, 1994).

Nessa direção, torna-se um problema sociocultural quando muitas crianças e jovens abandonam a escola para trabalhar e deixam os estudos, uma vez que a educação deixa de ser prioridade. Isso causa impactos negativos em suas vidas no futuro, e esses danos podem ser irreversíveis, perpetuando o ciclo da pobreza. Conforme Bhabha (1998), é necessário promover mudanças nas práticas culturais para evitar que velhas práticas se repitam, configurando um ciclo vicioso.

Para Bhabha (1998, p. 241), a cultura "é traduzida porque essas histórias espaciais de deslocamento – agora acompanhadas pelas ambições territoriais das tecnologias 'globais' de mídia – tornam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado pelo cultural, um assunto bastante complexo". Compreender os motivos e ambições dos colonizadores nos diferentes níveis territoriais nos leva ao entendimento das transformações sociais, seus significados e signos culturais.

Para Sahlins (1987), "a forma cultural (ou morfologia social) pode ser produzida ao avesso: a ação criando a relação adequada, performaticamente, exatamente como em certos famosos atos de discurso".

O mesmo tipo de mudança cultural, induzida por forças externas, mas orquestrado de medo nativo, vem correndo há milênios. Não somente porque as chamadas sociedades primitivas jamais foram tão isoladas quanto a antropologia em seus primórdios, obcecada pelo interesse evolucionista com o antigo, gostaria de acreditar (Sahlins, 1987, p. 09).

Vemos, portanto, que as transformações culturais não são apenas reações, mas processos dinâmicos de adaptação. Ainda de acordo com Sahlins (1987), a cultura é historicamente reproduzida na ação. Da mesma forma que se não houver mudanças comportamentais na sociedade, não haverá mudanças de atitudes e ações, sendo assim as desigualdades sociais se repetirá.

Dessa forma, o Estado tem o poder e dever de mudanças dessas famílias, as mazelas sociais são construídas e reconstruídas durante anos. O *poder* para Foucault (1979), reprime, mas também produz efeitos de saber e mudanças. Tanto Foucault quanto Sahlins veem as mudanças sociais e culturais como processos dinâmicos nos quais poder atua significativamente. Segundo Foucault:

Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações [...] captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam [...] em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício (Foucault, 1979, p.182).

Trata-se de políticas públicas voltadas para mudar as mazelas sociais que a maioria da população necessita, ações que os governantes devem realizar com o objetivo de promover uma mudança social. Ainda segundo Foucault *apud* Veiga-Neto (1995), esse poder reproduz saberes desconstruídos historicamente.

Então, é o poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação entre ambos. Assim, se ele estuda o poder não é para criar uma teoria do poder, mas sim para desconstruir o operador diádico poder-saber que compõe a “ontologia histórica de nós mesmos nas relações de poder que nos constituem como sujeitos atuando sobre os demais” (Foucault *apud* Veiga-Neto, 1995, pp. 55-56).

A evasão escolar foi uma das principais mazelas observadas durante o período da pandemia, representando um grave problema social que pode gerar sérios prejuízos futuros para jovens e adolescentes. Ao deixarem de estudar para ingressar precocemente no mercado de trabalho, muitos acabam abandonando os estudos, e em alguns casos, jamais retornam. Além disso, muitas famílias enfrentaram dificuldades econômicas devido ao isolamento social, uma das medidas adotadas para conter o avanço da Covid-19 em Araguaína-TO. Silva (2020) nos mostra outras medidas adotadas:

Como medidas para tentar frear a propagação do vírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e as principais autarquias de saúde no Brasil divulgaram como cuidados: higienizar as mãos, cobrir a boca com o antebraço ou lenço descartável ao tossir e espirrar, evitar aglomerações e manter-se em isolamento domiciliar, por até 14 dias, em caso de sintomas da doença. Também é incentivada a manutenção das pessoas em ambientes bem ventilados e que as empresas e instituições públicas considerem a realização de trabalho remoto (home office), reuniões virtuais, adiamentos e cancelamentos de viagens também são indispensáveis (Silva, 2019, p. 01).

A partir desse momento de isolamento social, a vida de muitas famílias mudou consideravelmente. Muitas tiveram que ficar em casa, sendo que algumas dependiam do trabalho externo, enquanto outras, que eram autônomas, também permaneceram em casa. Essas famílias enfrentaram fome e miséria. No que se refere ao Brasil, o Correios Brasileiros (2020, p. 01) mostram que:

De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), que avaliou 79 países em 2018, o Brasil é uma das cinco economias mais desiguais do mundo em relação à educação. A desigualdade socioeconômica do país é a terceira maior do mundo em ciências e leitura; e a quinta, em matemática. Estudantes de maior poder aquisitivo tiveram um resultado de 100 pontos a mais do que os alunos mais pobres. Realizado por meio de uma prova, o programa é feito pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2020, p. 01).

As disparidades econômicas e sociais sempre estiveram presentes no contexto educacional, mas com a chegada da Covid-19, esse problema se tornou ainda mais evidente, refletindo questões sociais, culturais e econômicas. No Brasil, os estudantes mais carentes se tornam os principais prejudicados pela falta de políticas públicas eficazes, que deveriam garantir o direito à educação de qualidade para todos, cumprindo a lei e assegurando esse direito fundamental.

Desse modo, a urgência de políticas públicas voltadas para o sistema educacional, tanto no período pandêmico quanto no pós-pandêmico, se torna necessária, com o objetivo de reverter os prejuízos e o atraso no aprendizado dos alunos que não tiveram acesso ao ensino em seus lares.

Mudanças culturais e de comportamento na educação precisam surgir na vida das pessoas para reverter as práticas de abandono e desistência dos estudos por alunos e jovens, com o intuito de ingressar no mercado de trabalho precocemente. No Plano Nacional dos Direitos na Educação, vemos que:

Fruto da educação popular, a Educação em Direitos Humanos (EDH) carrega a tradição da educação emancipadora e reafirma os compromissos nacionais com a formação de sujeitos de direitos e de responsabilidades. Com o objetivo de ressaltar valores como tolerância, solidariedade, justiça social, inclusão, pluralidade e sustentabilidade, o Brasil foi um dos primeiros países das Américas a elaborar um plano nacional específico sobre a EDH. Trata-se do Plano Nacional em Direitos Humanos (PNEDH), cuja discussão pública teve início em 2003, consolidando-se em 2006 na sua versão final (Brasil, 2020, p.35).

A educação em Direitos Humanos é um processo de aprendizagem que visa promover o conhecimento, a compreensão, o respeito e a valorização dos direitos humanos. Seu objetivo é desenvolver uma consciência crítica e uma cultura de respeito aos direitos de todas as pessoas, com o propósito de construir uma sociedade mais justa e igualitária. Conforme o Ministério da Cidadania:

Para atuar com Educação em Direitos Humanos é importante:

- Buscar conhecer o assunto no maior número possível de áreas, como: filosofia, sociologia, pesquisas, entre outras, afinal, o tema “Direitos Humanos” é debatido e atualizado a cada minuto e pode ser entendido a partir de distintas perspectivas.
- Participar das discussões, debates e apresentar propostas que estejam fundamentadas em pesquisas, legislações ou em outras fontes fidedignas e relevantes.
- Exercitar a dúvida: perguntar, refletir, reciclar o próprio conhecimento através da experiência do outro. Nunca há apenas uma resposta para cada pergunta.

- Ter em mente que o que sabemos hoje é o ponto de partida para tudo que podemos aprender. Trabalhar permanentemente pela promoção dos Direitos Humanos em todos os espaços da sociedade, seja na família, seja na escola, seja em qualquer outro ambiente da comunidade (Brasil, 2020, p.36).

A atuação na educação em Direitos Humanos é fundamental para promover a igualdade, o respeito e a dignidade de todas as pessoas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e consciente de seus direitos e deveres.

Por muitos anos, os professores precisaram planejar e buscar ajuda na capacitação, mas, devido à falta de avanços significativos; como poderiam progredir sem uma formação adequada? Entendemos que a formação docente é composta por múltiplos processos, os quais exigem dos futuros professores uma formação contínua e atualizada, para que sejam capazes de desempenhar um papel de excelência e desenvolver ações que contribuam para o fortalecimento do sistema educacional.

Nesse contexto, o currículo desempenha um papel essencial, pois é por meio dele que se estruturam os conhecimentos e as práticas pedagógicas necessárias para a formação crítica dos alunos. Como veremos no trecho a seguir:

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito (Veiga, 2002, p. 7).

O currículo é fundamental para garantir uma educação de qualidade aos alunos, sendo construído efetivamente de acordo com a cultura, história e política de um povo. No processo de construção e evolução de uma sociedade, ele precisa ser flexível, especialmente em contextos como o período pandêmico, que exigiu adaptações.

### 3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

No nosso entendimento, a pesquisa é importante porque é responsável pelas transformações sociais, permitindo constantemente a descoberta de novos conhecimentos e avanços em diversas áreas. Assim, a pesquisa científica desempenha um papel fundamental no avanço do conhecimento, na solução de problemas e no desenvolvimento de novas tecnologias. Para Gomes et al.,

A pesquisa científica, como prática em constante transformação, é resultante de um contexto dinâmico de produção e reprodução de conhecimentos que se alternam, transforma a realidade e se transformam, contribuindo para a dinâmica das ciências na medida em que estas se ramificam e requerem processos mais complexos para o estudo de seus objetos. Assim como a ciência, as práticas de pesquisa são determinadas tanto pelo contexto social e histórico quanto pelas referências teóricas que orientam conceitos e pressupostos científicos. Isso porque, como produtos da vida social, as ciências seguem a evolução dessa vida em constante renovação (Gomes; Oliveira; Alcará, 2016, p. 314).

Inserida nessa perspectiva, a presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa. O estudo qualitativo busca compreender questões mais específicas ao longo do desenvolvimento da pesquisa (Lüdke; André, 1986). Segundo Teixeira (2005, p. 139), “na pesquisa qualitativa, o social é visto como um mundo de significados passível de investigação, e a linguagem dos atores sociais e suas práticas são as matérias-primas dessa abordagem”. Nesse sentido, a abordagem qualitativa tem como objeto de estudo os significados atribuídos ao mundo, que se expressam por meio dos sentidos de sujeitos com identificações, crenças e valores plurais (Teixeira, 2005).

É importante destacar que, a princípio, a intenção da pesquisa era compreender as mudanças ocorridas no período pandêmico na vida de professores e alunos, no contexto geral do Colégio Estadual Jardim Paulista, durante os anos de 2020, 2021 e 2022, com foco nas metodologias e no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, foi realizado um questionário com trinta (30) alunos, nove (09) professoras e um (01) professor. No entanto, ao analisar as respostas (que serão discutidas e analisadas no capítulo IV), foi possível identificar que a pandemia foi um fenômeno vivenciado de formas diversas, uma vez que diferentes sujeitos sociais experienciaram as novas práticas de isolamento a partir de posições distintas. A partir das respostas dos

questionários, ficou evidente que as mulheres professoras foram as mais impactadas pela pandemia, especialmente devido à sobrecarga de trabalho.

Nessa direção, esta pesquisa tem como objetivo analisar os impactos e os desafios da pandemia no Colégio Estadual Jardim Paulista a partir da perspectiva das mulheres professoras. Como referencial teórico-metodológico, utilizaremos a História Oral e, como instrumentos de coleta de dados, o levantamento bibliográfico, o levantamento documental, além da realização de questionários e entrevistas.

### **3.1 História oral como recurso metodológico**

Com o objetivo de compreender a vida das mulheres professoras no contexto da pandemia, optou-se por uma coleta de dados qualitativa. Essa abordagem foca em aspectos que não podem ser quantificados, buscando estudar os valores e as relações humanas de um grupo social. Para isso, utilizaremos a História Oral, uma metodologia que permite resgatar as experiências e memórias dos sujeitos, dando voz aos relatos pessoais e subjetivos, essenciais para entender o impacto da pandemia na vida das mulheres professoras. A respeito dessa metodologia, Portelli (2001) nos diz que:

Como está implícito no próprio termo, a história oral é uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado; oral indica um meio de expressão. No desenvolvimento da história oral como um campo de estudo, muita atenção tem sido dedicada às suas dimensões narrativa e linguística (Portelli, 2001, p. 10).

Nesse sentido, a história oral é uma prática que resulta da interação entre duas partes: aqueles que ouvem as histórias e aqueles que as narram ou escrevem. Trata-se de uma troca de conhecimentos que resgata valores culturais e vivências compartilhadas entre as partes. Portelli acrescenta que,

A história oral é, conseqüentemente, um gênero composto, que apela para uma aproximação crítica estratificada: além do uso de gênero no discurso coletado do narrador (dos narradores), necessitamos também reconhecer o gênero no discurso público do historiador e o gênero no espaço entre eles (Portelli, 2001, p. 10-11).

Desse modo, a história oral é uma prática que aproxima os narradores, tanto a parte que realiza a entrevista quanto o entrevistado, uma aproximação

importante neste momento de resgate das histórias ouvidas e contadas de forma genuína. Oliveira *et al.* explicam que,

Os primeiros registros da cronologia da História Oral versam sobre a sua repulsa pelos historiadores, ainda no século XVII sendo que, após um longo período de dormência, esta ressurgiu no início do século XX, mais precisamente nos anos de 1920, em Chicago, quando pesquisadores do campo da história voltaram a utilizar essa modalidade em seus cursos e instituições. Com a invenção do gravador portátil, já em 1950, a História Oral teve maior número de adeptos, sendo que os Estados Unidos foi onde a prática ganhou mais força inicialmente. (Oliveira; Oliveira; Correia, 2021, p.67)

Assim, a importância dessa metodologia para as futuras gerações está em preservar as histórias dos nossos antepassados. A história oral tem permitido que as memórias e vivências de um povo permaneçam vivas, sendo contadas por meio de depoimentos e entrevistas. Resgatar uma história é fundamental para garantir que ela não se perca com o tempo.

A História Oral Temática tem o objetivo de realizar o levantamento da narrativa de um entrevistado sobre o seu entendimento e suas reflexões a respeito de um determinado evento ocorrido. Vale ressaltar que, por se interessar sobre um acontecimento preestabelecido, não quer dizer que as vivências do entrevistado não aparecerão durante os seus relatos, mas sim isso acontecerá à medida que o acontecimento em estudo se relaciona, interfere e influencia nas memórias do sujeito que constrói a narrativa ao entrevistador. (Oliveira; Oliveira; Correia, 2021, p.75)

De acordo com esses autores, a história oral permite evidenciar grupos que antes não tinham visibilidade na sociedade. Dessa forma, grupos sociais antes ignorados ou esquecidos começam a ter voz e vez. Os autores ainda destacam a importância da inclusão:

A História Oral tem possibilitado que grupos até então pouco (ou nada) representados, como índios, negros, LBTQIAP+, comecem a ser cada vez mais inseridos como sujeitos partícipes das produções e pesquisas, através de suas narrativas. É através da História Oral, como método e atividade de campo, que a trajetória dos indivíduos e grupos marginalizados começa a serem ouvidos, além de evidenciar as particularidades de grupos específicos da sociedade, mostrando histórias que merecem e precisam ser ouvidas e, mais do que isso, respeitadas. (Oliveira; Oliveira; Correia, 2021, p.77)

As mulheres fazem parte deste grupo social que, por muitos anos, tiveram seus direitos negados. A discriminação de gênero ainda se faz presente em nossa sociedade. Com a metodologia da história oral, muitas mulheres puderam

ter voz, quebrando a barreira do machismo. De acordo com Portelli (2010), analisar narrativas e interpretar diferentes discursos é uma referência importante para compreender a memória, a oralidade, a cultura popular e os relatos de vida, sendo muito mais do que uma entrevista:

A 'entre/vista', afinal, é uma troca de olhares. E bem mais do que outras formas de arte verbal, a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo. É dessa maneira que o autor recorre à história oral para entender como acontece a combinação entre narrativa em primeira pessoa com referentes espaciais e sociais coletivos que dão o suporte para que entendamos a construção de uma determinada memória cultural. (Portelli, 2010, p.194)

As narrativas na história oral se entrelaçam; vivências e conhecimentos mútuos são compartilhados no momento da entrevista, com a troca de olhares, respeito e experiências, formando uma relação que vai além da entrevista e do entrevistado. Com isso, podemos dizer que a memória é entendida atualmente como uma ação em que o passado é reconstruído, uma vez que relembra-lo e sistematizá-lo através do processo de escrita é algo consciente, por meio de um processo reflexivo sobre acontecimentos experienciados (Oliveira; Oliveira; Corrêa, 2021).

Dessa forma, entende-se que a História Oral é uma maneira de registrar as experiências de vida de pessoas (ou grupos) a fim de preencher lacunas existentes tendo em vista que a formalização e documentação de fatos e acontecimentos são majoritariamente realizados por pessoas que possuem o mesmo ponto de vista ou que representa(va)m exatamente sempre o mesmo grupo de pessoas. (Oliveira; Oliveira; Corrêa, 2021, p. 69).

As narrativas da história podem ser feitas por meio de textos orais, escritos, digitais, individuais ou em grupo. Esta pesquisa utiliza o método individual, visando assim uma aproximação e reflexão, dialogando sobre questões em comum. As reflexões são sobre as aulas remotas e os desafios encontrados durante o período da pandemia. As narrativas das professoras no campo educacional são muito importantes, pois nos permitem compreender como essas profissionais se adaptam e se reinventam, exercendo os papéis de professoras, mães e donas de casa.

### 3.2 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados deste estudo baseiam-se em pesquisa exploratória. 'Essas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que essas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições' (Gil, 2002, p. 41). Assim, durante todo o percurso desta pesquisa, levantamos hipóteses, debatemos sobre os objetivos e o problema de pesquisa, além de refletirmos, sob a perspectiva da História Oral, sobre os impactos e desafios da pandemia no Colégio Estadual Jardim Paulista.

#### 3.2.1 Levantamento bibliográfico

O levantamento bibliográfico é importante, pois permite identificar e selecionar as melhores fontes de informação disponíveis sobre um tema específico, contribuindo para a construção de conhecimentos bem fundamentados e para a produção de pesquisas de qualidade. Além disso, possibilita o acesso a diferentes perspectivas e abordagens sobre o tema, contribuindo com a análise e a compreensão do assunto. O levantamento bibliográfico foi realizado em bases de dados, como será apresentado a seguir:

**Quadro 1.** Artigos, dissertações e teses sobre Estudos de Cultura e Território

<b>CULTURA E RAÇA</b>			
<b>Autor(es)</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo de trabalho</b>
Manuel Castells	A revolução da tecnologia da informação	1989	Capítulo do livro.
Marshal Sablins	Ilhas de história	1999	Livro: Editora Jorge Zahar.
Milton Santos por Maria Amália aparecida de Sousa	O retorno do território	2001	Artigo.
Boaventura de Sousa Santos	A crítica da razão indolente	2002	Capítulo do livro: porque é tão difícil construir uma teoria crítica.

Paulo Freire	Educação e mudança	2002	Livro: Editora Paz e terra.
Anne Calquelin	Paisagem, retórica e patrimônio	2003	Artigo em periódico UFBA.
Giuliana Andreotti	Paisagens do espírito: encenação da alma	2003	Artigo em periódicos: Ateliê geográfico.
Giuliana Andreotti	O senso ético e estético da paisagem	2003	Artigo em periódicos: RADEGA.
Kabengele Munanga	Uma abordagem conceituada das noções de raça, racismo, identidade e etnia	2003	Anais do Seminário nacional relações raciais e educação.
Marcos Aurélio Saquet	Abordagens e concepções de territórios	2007	Livro: editora expressão popular.
Stuart Hall	Cultura e representação	2009	Livro.
Alessandro Portelli	Ensaio de história oral	2010	Artigo em periódicos: Resenha.
Beatriz Nascimento	Todas as distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento.	2020	Livro.
Anny Carolina de Oliveira; Guilherme Saramago de Oliveira; Avani Maria de Campos Corrêa	A história oral: uma metodologia de pesquisa qualitativa	2021	Artigo em periódicos: Revista Prisma
Paulo Freire	Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.	2021	Livro: Editora Paz e terra.
Dernival Venâncio Ramos Junior	História oral e agrologia		Oficina: construindo saberes.

Fonte: elaborado pela autora.

**Quadro 2.** Artigos, dissertações e teses sobre a pandemia do Covid-19 (2010-2023)

<b>PANDEMIA</b>			
<b>Autor(es)</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo de trabalho</b>
Kacia Kyssy Câmara de Oliveira Miranda; Alzenir da Silva Lima; Valeska Crysleine; Machado de Oliveira.	Aulas remotas em tempo de pandemia: desafios e percepções de professores e Alunos.	2020	Artigo para apresentação no VII Congresso Nacional da Educação.
Laydiane Jales da Silva	Impacto da pandemia da covid-19 nos processos de iniciação científica na universidade de Brasília	2021	Dissertação de mestrado do mestrado em educação.
A.R Bezerra, A. V. G. Fernandes	Covid-19 e a saúde mental: abordagens do pensamento crítico.	2022	Artigo em periódicos: HOLOS
Ana Fábria D. Silva Brunet; Flavio C. dos Santos; Vicentina Socorro da Anunciação.	Educação pública, o fazer docente e os impactos da pandemia no pantanal de Aquidauana.	2022	Artigo em periódicos: revista Hygeia.
Dalila Andrade Oliveira; Edmilson Pereira Junior.	A devastação do trabalho: a classe do labor na crise da pandemia.	2022	Artigo em periódico: Confederação nacional dos trabalhos em educação e grupos e estudos sobre políticas.
Larissa Evelyn de Souza Coelho. Gloria Leticia Wenceslau; Barão Marques; Clóvis Wanzinack.	Saúde docente na pandemia: Um estudo de caso com profissionais do ensino superior da universidade federal do Paraná- setor litoral.	2022	Artigo em periódico: o Boletim de conjuntura (BOCA).
Virgínia Baptista Paulo; Marques Alves	O trabalho das professoras em tempos de pandemia covid-19: problemáticas e construções da docência e do cuidar na esfera doméstica em Portugal.	2022	Artigo em periódicos: RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara.

Fonte: elaborado pela autora.

**Quadro 3.** Artigos, dissertações e teses sobre TICs no ensino (2010-2023)

<b>TICS NO ENSINO</b>			
<b>Autor(es)</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo de trabalho</b>
Antônia Marcia; Duarte Queiroz.	Análise geográfica sobre o espaço virtual de ensino a partir das experiências na educação a distância da universidade aberta do Brasil no norte de minas gerais	2016	Tese de doutorado em Geografia.
Werlayne Stuart; Soares-Leite.	A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios	2011	Artigo em periódicos: secretaria de Educação do Governo do Estado do Ceará, SEDUC.
Lucas de Vasconcelos Soares; Maria Lília Imbiriba; Sousa Colares.	Educação e tecnologias em tempos de pandemia no Brasil.	2020	Artigo em periódicos: programa de pós graduação em educação.
Silvania Reis de Araújo; Antônia Marcia Duarte Queiroz; Wanessa Lorenna de Sousa; Miranda Costa; Mateus Oliveira dos Santos.	Programa residência pedagógica e geografia: Iniciação à docência em meio a práticas de ensino remoto e virtual.	2023	Artigo em periódico: Revista Desafios.

Fonte: elaborado pela autora.

**Quadro 4.** Artigos, dissertações e teses sobre currículo (2010-2023)

<b>CURRÍCULO</b>			
<b>Autor(es)</b>	<b>Títulos</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo de trabalho</b>
Elizabeth Macedo	Currículo e conhecimento: aproximações entre educação e ensino	2012	Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de

			Educação, Rio de Janeiro.
Elaborado por: gerência e avaliação da aprendizagem.	Orientações pedagógicas para o programa de Recomposição das aprendizagens.	2022	Documento de retomada do reordenamento curricular 2022.

Fonte: elaborado pela autora.

### Quadro 5. Artigos, dissertações e teses sobre Gênero

<b>GÊNERO</b>			
<b>Autor(es)</b>	<b>Títulos</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo de trabalho</b>
Gloria Anzaldúa	Como domar uma língua selvagem	2009	Artigo em periódicos: Dossiê: difusão da língua portuguesa.
Wânia Pasinato Izumino	Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil	2005	Artigo em periódico: University of San Francisco, California.
Alex Ratts	Mulheres, territorialidades e conflitos: gênero na fronteira cerrado/Amazônia	2011	XIV: encontro nacional da Anpur
Creuza Prumkwyj Krraô	Mulheres Cabaças	2017	Publicação em revista PISEAGRAMA
Silvia Federici	A história oculta da fofoca	2019	Artigo em periódico: Boitempo

Fonte: elaborado pela autora.

### 3.2.2 Levantamentos documental

A partir de março de 2020, com a realidade do distanciamento social, a Secretaria da Educação, Juventude e Esportes do Tocantins (SEDUC) considerou necessário adaptar as metodologias e práticas de ensino. Dessa forma, foram disponibilizadas estratégias de ensino para garantir a continuidade da educação para todos os estudantes da Rede Estadual de Ensino, visando assegurar o direito à educação para todos os alunos.

Em 2021, o ano letivo continuou sua organização com atividades não presenciais. Mesmo com toda a preparação para a abertura e seguindo

todos os protocolos de saúde, as reiteradas tentativas de retomada das atividades educacionais presenciais não avançaram em razão da instabilidade nos números de casos de Covid-19, do quadro pandêmico no Estado e da dificuldade de vacinação em massa da população, devido ao processo demorado e a escassez de vacinas no país (Guia de orientação pedagógica, 2022, p.01).

Sendo assim, muitos estudantes tiveram que continuar realizando os estudos em casa no formato remoto, uma rotina de aprendizado cansativa e com pouco aproveitamento, o que prejudicou a vida estudantil de cada aluno.

O ano de 2022 se aproximava, ainda em um contexto de pandemia. Assim, as aulas tiveram que continuar a exigir todos os cuidados aos quais a população já estava acostumada, seguindo todos os protocolos da COVID-19 e preocupados com as novas variantes do vírus SARS-CoV-2, que surgiam.

Nesta perspectiva, ancoramos na Resoluções CEE/TO nº 105 e nº 154 de 200, apresentamos o programa de recomposição das aprendizagens 2022, como um conjunto de ações sistematizadas para a rede estadual de ensino, com adaptações possíveis para as municipais, visando mitigar as perdas do processo de aprendizagem e produção do saber, o qual considera o contexto dos anos letivos anteriores, organizados com atividades remotas emergenciais, com limitações do uso de estratégias, de ferramentas de utilização de plataformas, treinamento, imposta pelas condições reais de nossas escolas, nossos estudantes e rede de ensino (Guia de orientação pedagógica, 2022, p.02).

Todo esse trabalho se fez necessário, tendo em vista as várias demandas trazidas pelos alunos, como dificuldades de leitura e compreensão, lacunas em toda a aprendizagem, sendo necessário o programa de recomposição. Outra dificuldade que os alunos apresentaram pós-pandemia foi as questões ligadas ao emocional, cumprimento de normas, rotinas de estudo e tantas outras necessidades e problemas agravados por diversas situações enfrentadas pelos alunos durante os dois anos de pandemia.

Para iniciar o trabalho pedagógico em 2022 é imprescindível a adoção de uma postura de acolhimento em todas as ações pedagógicas e em todos os níveis de trabalho dentro da rede de ensino, que se caracteriza por um jeito singular de receber, compreender e de relacionar. Assim, consideramos que o acolhimento não se resume apenas às ações de uma recepção acolhedora, mas também na adoção de uma postura contínua no desenvolvimento das atividades pedagógicas (Guia de orientação pedagógica, 2022, p.03).

Esse retorno às aulas presenciais foi pensado com muita cautela, devido ao fato de que a pandemia não estava totalmente controlada, ainda havia muitos registros de COVID-19 e muitas mortes ainda eram evidentes. Dessa forma, o retorno não era tão seguro, sendo planejado não somente nos aspectos cognitivos, mas também no emocional de cada estudante.

Iniciar o planejamento de um novo ano pedagógico é uma tarefa que impõe responsabilidade, conhecimento e compromisso com as ações e estratégias a serem adotadas. Após quase dois anos de ensino remoto, as disposições e perspectivas para o ensino de forma presencial devem ser pensadas, o quanto antes. Em vista disto, o planejamento para o ano letivo de 2022 se diferencia dos demais, considerando a grande necessidade de desenvolver atividades pedagógicas pautadas a partir da observação, avaliação e análise quanto à necessidade de mitigação das defasagens decorrentes do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem no contexto pandêmico dos dois últimos anos (Guia de orientação pedagógica, 2022, p.03).

Era compreensível a preocupação com os alunos após a pandemia. Eles estavam diante de um novo cenário escolar, repleto de desafios e adversidades, medos e traumas provenientes da pandemia. Esse apoio e planejamento pedagógico foram importantes para garantir a recuperação no processo de ensino e aprendizagem, permitindo que recebessem a educação necessária.

Apresentaremos o reordenamento Curricular, uma estratégia de suporte e adequação às necessidades pedagógicas. Trata-se de uma reordenação curricular que busca minimizar sobreposições ou repetições de habilidades entre as séries, validando as habilidades prioritárias, as quais implicam no avanço do estudante para a série posterior (Guia de orientação pedagógica, 2022, p.03).

Após a pandemia, foi de extrema importância que o currículo escolar fosse adaptado para abordar lacunas de aprendizagem e enfatizar habilidades socioemocionais, com um olhar mais voltado para o desenvolvimento das competências dos alunos e a preocupação com a saúde mental deles. O objetivo era garantir essa transição sem danos ao processo de ensino e aprendizagem.

O reordenamento curricular 2022, com foco nas habilidades estruturantes, será adotado exclusivamente para 2022, priorizando as aprendizagens essenciais, dado que o tempo de ensino será destinado também ao processo de recomposição da aprendizagem (Guia de orientação pedagógica, 2022, p.03).

O reordenamento curricular surge como uma prática de revisão e ajuste nos currículos escolares, visando a atuação dos conteúdos e metodologias de ensino, com foco na vida estudantil de cada aluno, incluindo mudanças nas disciplinas, na carga horária e na valorização das competências e habilidades dos discentes.

A recomposição das aprendizagens já foi adotada por diversos países que atravessaram crises que marcaram profundamente a educação. O documento “recomposição das aprendizagens em crise” (2021) aborda diversas estratégias adotadas por estes países que buscaram mitigar os danos na aprendizagem causados por diversas crises, como a pandemia, por exemplo. (Guia de orientação pedagógica, 2022, p.05).

Neste período pós-pandemia, a preocupação com a saúde mental dos alunos foi muito importante, devido aos traumas vividos, perdas de entes queridos, dificuldades em casa, isolamento, ansiedade, depressão, entre outras dificuldades. Muitos alunos enfrentaram uma sobrecarga emocional, impactando diretamente seu desempenho escolar e bem-estar. Foi necessário criar estratégias de apoio psicológico e social, a fim de ajudá-los a superar essas barreiras e garantir um retorno mais saudável ao ambiente escolar.

Dessa forma, podemos destacar também o Projeto Político-Pedagógico (PPP), que é elaborado para dar suporte ao ensino e aprendizagem. O Colégio Jardim Paulista elabora seu PPP tomando como referência suas atribuições educacionais, sendo avaliado anualmente a partir das reflexões sobre as ações executadas no ano anterior, com o objetivo de propor novas medidas e melhorar o ensino, acompanhando assim as diretrizes educacionais.

Em suma, o PPP desta unidade escolar é destinado a atender sua comunidade escolar: alunos, pais e ou responsáveis, todo corpo de funcionários e também a sociedade circunvizinha, de forma democrática e participativa, propondo sempre reflexões coletivas contínuas para que sua prática educativa seja reconhecida e realize o que é proposto: “atender aos interesses educacionais de sua comunidade escolar” (PPP-Colégio Estadual Jardim Paulista, 2023, p. 08).

O Projeto Político-Pedagógico busca orientar as ações e práticas educacionais para alcançar os objetivos definidos, promovendo uma educação de qualidade e coerente com os princípios e metas da instituição. O documento estipula quais são os objetivos da escola e o que ela, em todas as suas

dimensões, precisa fazer para alcançá-los. Entre os objetivos a serem alcançados, estão:

- Manter o número de alunos matriculados na escola;
- Diminuir a taxa de abandono e de evasão;
- Aumentar a taxa de aprovação;
- Resolver problemas que venham a prejudicar a estrutura e o funcionamento do trabalho;
- Promover o desenvolvimento da educação democrática;
- Promover uma parceria entre os alunos, pais e professores para a realização de um trabalho responsável e compartilhado no processo educacional;
- Levar os alunos a respeitar sua cultura e ambiente;
- Observar o cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases, Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente e Regimento Escolar;
- Oferecer ensino de qualidade, proporcionando ao aluno sucesso em sua vida escolar e social;
- Promover a extensão aberta à participação da população, visando a difusão das conquistas e os benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na Instituição (PPP- Colégio Estadual Jardim Paulista, 2023, p. 08)

Os objetivos do PPP visam melhorar a aprendizagem dos alunos e garantir um trabalho de qualidade. É importante seguir as diretrizes estabelecidas e buscar sempre o alinhamento com a equipe escolar.

Antes do retorno das aulas, as quais foram remotas, alguns professores continuaram o processo de ensino realizando trabalhos de revisão de conteúdos e incentivo aos alunos em suas redes sociais, buscando motivar e ajudar os discentes quanto a suas dúvidas e ansiedade por estar vivendo esse momento, uma prévia do que poderia vir a ser o formato das aulas com a necessidade do afastamento social. Durante a pandemia aconteceu ainda a ação de entrega dos kits de alimentação e higiene pessoal para os alunos matriculados em cada unidade escolar do estado e do município e a distribuição de alguns alimentos que estavam armazenados na escola, para que não fossem descartados pela questão da validade do produto. As atividades da UE passaram a ser pelo *Google Meet*. Assim, o planejamento das atividades, as formações e orientações repassadas pela Seduc/Drea, ação *Tô de Casa no Enem* e *Simulado do Enem*, entre outras, passaram a ser virtuais (PPP- Colégio Estadual Jardim Paulista, 2023, p. 19).

É importante reconhecer que o trabalho remoto para os professores pode ser desgastante, pois exige adaptação a novas ferramentas e métodos de ensino, além do desafio de manter os estudantes engajados à distância. Esse processo demanda esforço técnico e uma constante inovação pedagógica para superar as limitações impostas pelo formato remoto.

### 3.2.3 Questionários e Entrevistas

Os questionários são um conjunto de perguntas organizadas para coletar informações ou opiniões sobre um determinado tema ou assunto. Eles são importantes porque permitem a coleta de dados de maneira estruturada e sistemática, o que auxilia na obtenção de informações precisas e na tomada de decisões informadas. Os questionários são amplamente utilizados em pesquisas, estudos de mercado e em muitas outras áreas, conforme a definição de segundo Gil (1999) a seguir:

O questionário, pode ser definido como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (Gil, 1999, p. 128).

As entrevistas são processos de comunicação entre duas pessoas, em que uma faz as perguntas e a outra responde, com o objetivo de obter informações, avaliar habilidades ou qualificações, ou para tomar decisões relacionadas. Nesse caso, na pesquisa, é uma forma comum de coletar informações e conhecer melhor sobre alguém ou sobre um determinado assunto.

De acordo com Gil (2011), *apud* Gomes, Oliveira e Alcará (2016, p. 314), as entrevistas podem ser estruturadas em: informais, focalizadas, por pautas e formalizadas, como explicadas a seguir:

O tipo de entrevista informal é a menos estruturado e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados. É recomendado nos estudos exploratórios, que visam abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou oferecer uma visão aproximativa do problema pesquisado. A 315 entrevista focalizada enfoca um tema específico, sendo permitido ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas com o esforço do entrevistador para retomar o mesmo foco quando ele começa a desviar-se. É empregado em situações experimentais, com o objetivo de explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas. Também é utilizada com grupos de pessoas que passaram por uma experiência específica, como assistir a um filme, presenciar um acidente, entre outros (Gomes; Oliveira; Alcará, 2016, p. 314).

Entrevistas informais são mais descontraídas e sem uma estrutura rígida, permitindo que a conversa flua de forma natural. Já as entrevistas formais seguem uma pauta pré-definida e têm uma estrutura mais organizada.

Gil (2011) ressalta que a técnica da entrevista, se comparada com a do questionário, que também é bastante utilizada nas ciências sociais, apresentando vantagens, como: possibilita a obtenção de maior número de respostas, posto que é mais fácil deixar de responder a um questionário do que negar-se a ser entrevistado; oferece maior flexibilidade, pois o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista; possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas (Gomes; Oliveira; Alcará, 2016, p. 314).

As entrevistas desempenham um papel importante na pesquisa e na ciência, pois permitem a coleta de dados qualitativos e a obtenção de informações detalhadas diretamente dos participantes, enriquecendo a compreensão da pesquisa.

A princípio, no ano de 2022, foram estruturados dois questionários com os docentes e discentes do Colégio Estadual Jardim Paulista, com o objetivo inicial de pesquisar as metodologias utilizadas pelos docentes no período de pandemia, considerando aspectos sociais e didáticos para garantir o estudo durante esse período. Os questionários nos mostraram de forma ampla os anseios vividos por professores e alunos.

A partir das análises dos resultados obtidos com os questionários, com base nos referenciais teóricos e nas muitas conversas durante as reuniões de orientação, percebeu-se a necessidade de focar a discussão nas experiências vividas e narradas pelas professoras mulheres. A intenção, nesse momento, foi identificar quais os desafios enfrentados pelas professoras, mães e donas de casa no Colégio Estadual Jardim Paulista, investigando a jornada dupla de trabalho no *home office*.

## **4 RESULTADOS**

Nessa seção, apresento os resultados da pesquisa, sendo eles: 1. A caracterização do Colégio Estadual Jardim Paulista, com informações sobre sua localização, criação, organização e corpo docente; 2. A sistematização da organização do colégio para atender às demandas do período pandêmico; 3. Análise dos questionários realizados com docentes e discentes do colégio em 2022; 4. As entrevistas.

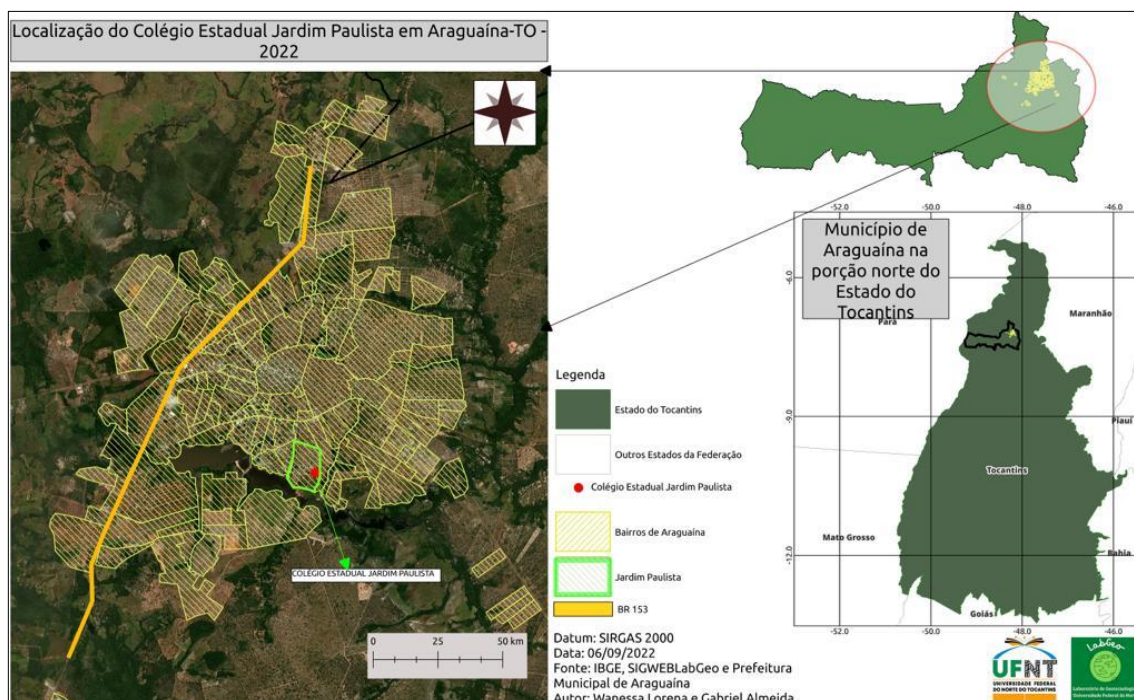
### **4.1 Caracterização do Colégio Estadual Jardim Paulista**

O Colégio Estadual Jardim Paulista foi fundado no ano de 2002, conforme estabelecido pela Lei de Criação nº 1.124 e pelo Decreto nº 1.681, ambos datados de 01/02/03, com sua publicação no Diário Oficial nº 1.358 de 16/01/03. O nome da instituição foi escolhido em razão de sua localização no bairro Jardim Paulista, que é um dos bairros tradicionais da cidade de Araguaína, no estado do Tocantins. Desde a sua fundação, a escola tem se dedicado a oferecer uma educação de qualidade para a comunidade local, atendendo a diferentes modalidades de ensino.

Inicialmente, o colégio oferecia cursos nas modalidades de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) – 3º segmento, com aulas nos turnos matutino, vespertino e noturno. Esse formato atendia a uma diversidade de alunos, proporcionando opções flexíveis de horários para que mais pessoas pudessem ter acesso à educação, especialmente os jovens e adultos que precisavam conciliar os estudos com outras responsabilidades, como trabalho e cuidado com a família.

O Colégio Estadual Jardim Paulista está localizado na Avenida dos Engenheiros, número 377, no bairro Jardim Paulista, com o CEP 77.809-320, em Araguaína/TO. A instituição atende, principalmente, os alunos das comunidades circunvizinhas, como os Setores Eldorado, Tiúba, Carajás e Jardim das Palmeiras, que representam uma parte significativa da população local. Com o passar dos anos, o colégio consolidou-se como uma importante referência educacional na região, atendendo uma ampla gama de estudantes.

Figura 2. Mapa de Localização do Colégio Estadual Jardim Paulista



**Fonte:** Elaborado para a dissertação.

Vale ressaltar que, desde o início de suas atividades, o Colégio Estadual Jardim Paulista ocupa apenas uma parte de um prédio originalmente destinado ao Ensino Médio. No entanto, devido à grande estrutura do local e à oferta dessa modalidade de ensino nas regiões próximas, parte do prédio foi ocupada pela Superintendência Regional de Educação de Araguaína, além de abrigar uma Escola Técnica de Enfermagem.

Nos primeiros anos de funcionamento, o Colégio Estadual Jardim Paulista apresentou diversas dificuldades, tanto externas quanto internacionais. Entre os principais desafios estavam a localização isolada da instituição, a falta de transporte coletivo, o que dificultava o acesso dos alunos, especialmente em períodos chuvosos, quando as condições de locomoção se tornavam ainda mais precárias. Além disso, o colégio sofria com problemas internos importantes, como a escassez de materiais didáticos básicos, incluindo até mesmo uma simples folha de papel A4 (PPP, 2021).

Com o crescimento populacional de Araguaína e o consequente aumento na demanda por educação, especialmente no turno matutino, o colégio se viu diante da necessidade de expandir suas instalações. Essa expansão foi viabilizada pela mudança da Escola Técnica de Enfermagem para outro local, o

que liberou mais espaço dentro do prédio para a ampliação das salas de aula. Com mais espaço disponível e a crescente procura por vagas, a escola foi capaz de atender um número maior de alunos. Em 2011, devido ao aumento da demanda, o colégio abriu novas turmas no turno vespertino, ampliando sua capacidade de atendimento e conseguindo atender melhor a comunidade local.

Em 2012, surgiram alguns programas, e, entre eles, o que a escola aderiu foi o programa *Mais Educação*, que funcionou até 2017 e retornou a esta unidade em 2019, por apenas seis meses. Entre 2012 e 2014, também foi desenvolvido o programa *Pioneiros Mirins*, que, junto a outros projetos realizados na escola, contribuiu bastante para a aprendizagem dos nossos educandos.

Em 2013, completando 10 anos de funcionamento, o Colégio Estadual Jardim Paulista passou a atender um número maior de alunos, agora oriundos também de novos setores, como Céu Azul, Alto Bonito e ainda do setor Vila Azul e Costa Esmeralda, através do transporte escolar cedido pela prefeitura. Esse aumento continuaria nos próximos anos com a construção de novos bairros, como o Lago Azul, onde atualmente grande parte do alunado do colégio reside. Esse crescimento demográfico foi refletido na demanda por mais infraestrutura e recursos para atender à comunidade escolar de maneira adequada.

Durante a 1ª década de existência, a Unidade Escolar (U.E.) passou por diversas mudanças em sua estrutura física. A escola conquistou uma biblioteca com um acervo bibliográfico significativo, dois laboratórios de informática e uma sala de vídeo, proporcionando mais recursos pedagógicos aos alunos. Também foram realizadas reformas importantes, como a cobertura da quadra poliesportiva, a adequação das salas dos professores, coordenação pedagógica, orientação educacional e secretaria. Além disso, houve a instalação de divisórias por meio de grades e alambrado, delimitando a área da Superintendência da escola, garantindo mais segurança para a comunidade escolar.

Essas mudanças melhoraram as condições de ensino e aprendizado, e foram fundamentais para o fortalecimento do vínculo entre a escola e a comunidade local. A infraestrutura do colégio passou a ser mais adequada às necessidades dos alunos. A seguir, nas figuras 3 e 4, apresento algumas imagens da infraestrutura do colégio, com destaque para a fachada principal da escola, a quadra poliesportiva, a rampa de acesso e a biblioteca.

Figura 3. Fachada principal do Colégio Estadual Jardim Paulista



Fonte: Registro da pesquisa (2022).

Figura 4. Quadra poliesportiva



Fonte: Registro da pesquisa (2022)

**Figura 5.** Espaço de leitura da Biblioteca



Fonte: Registro da pesquisa (2022)

**Figura 6.** Rampa de acesso a entrada principal



Fonte: Registro da pesquisa (2022)

Durante esta trajetória, o colégio passou por uma higienização e pintura de todo o prédio escolar, tanto interno quanto externo, além de várias outras melhorias. A partir de 2015, o Colégio Estadual Jardim Paulista foi contemplado com a sala de recursos para atender aos alunos do ensino especial, o que

contribuiu significativamente para o trabalho dos docentes, o estudo e o acompanhamento das particularidades de cada aluno.

Em 2016, o turno noturno deixou de ser ofertado na escola, reflexo dos casos de violência e insegurança que a cidade enfrentava naquele período. Em 2017, de acordo com o PPP (2021), observou-se um aumento no número de alunos que procuraram a escola para dar continuidade aos seus estudos. A unidade desenvolveu diversas ações e projetos que foram levados a outras cidades e escolas, além de realizar parcerias que resultaram em muitos êxitos. A escola obteve grande sucesso com o que foi planejado e proposto, como as aprovações no ENEM e vestibulares das principais universidades da cidade. No final de 2018, as atividades do proEMI – Programa Ensino Médio Inovador, que estava na escola desde 2014, foram encerradas, exceto em 2016, quando não foi realizado. Nesse mesmo ano, foi lançado um livro produzido em 2015. e realizada a Olimpíada de Redação, uma das ações de maior visibilidade do proEMI.

Em 2017, ocorreu a eleição do Grêmio Estudantil, um marco importante para a escola, que criou um espaço para a participação dos alunos em todo o processo escolar. Ainda nesse mesmo ano, foi realizada a Olimpíada de Redação, uma das ações de grande visibilidade do proEMI. Todas essas ações permitiram o desenvolvimento do protagonismo juvenil e incluiu discussões sobre a implementação do Novo Ensino Médio e a chegada da Base Nacional Comum Curricular, que passou a ser aplicada a partir de 2019.

#### 4.1.1 Pandemia no Colégio Estadual Jardim Paulista

Durante a pandemia, nos anos letivos de 2020 e 2021, algumas iniciativas foram providenciadas pela equipe gestora da Unidade Escolar para o retorno das aulas não presenciais, envolvendo professores, comunidade e estudantes.

Criamos grupos de WhatsApp, um geral com todos os alunos e equipe escolar que trabalha com as terceiras séries do ensino médio, e outros três grupos por turma, com objetivo de manter comunicação direta com os alunos e professores e os manterem informados de todo o processo escolar durante o período da pandemia. Realizamos algumas reuniões via Google Meet com os professores, com o objetivo de planejar e articular o retorno das aulas não presenciais (PPP- Colégio Estadual Jardim Paulista, 2021, p. 31).

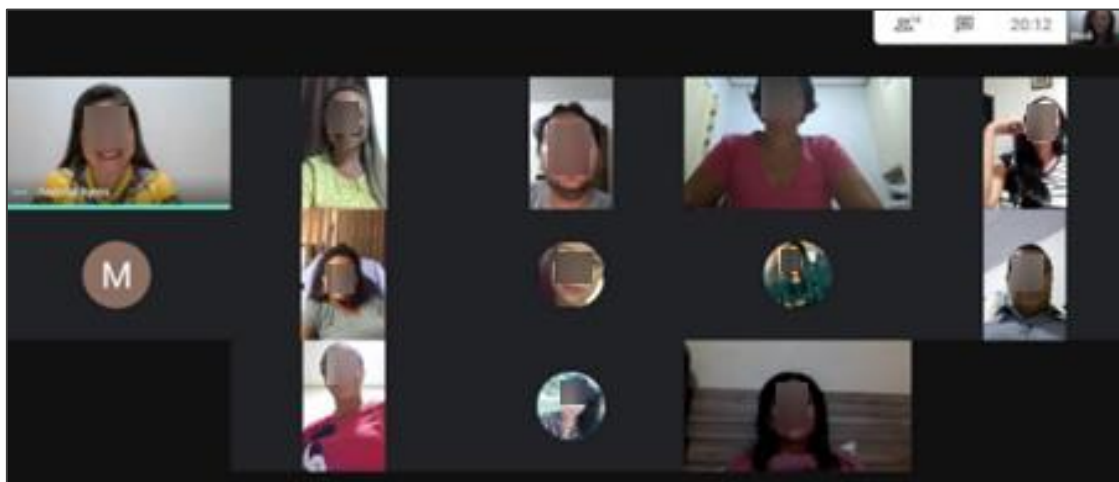
Foram realizadas também reuniões com os estudantes via *Google Meet*, compartilhamentos de mensagens de incentivo nas redes sociais, *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*, e, para os estudantes que não tinham acesso à internet, entramos em contato por telefone. A escola, com a parceria de professores que dominavam melhor as ferramentas tecnológicas, realizou tutoriais e formações para o uso das tecnologias, aplicativos, plataformas, dentre outros.

Figura 7. Registros das Reuniões via *Google Meet* com equipe escolar



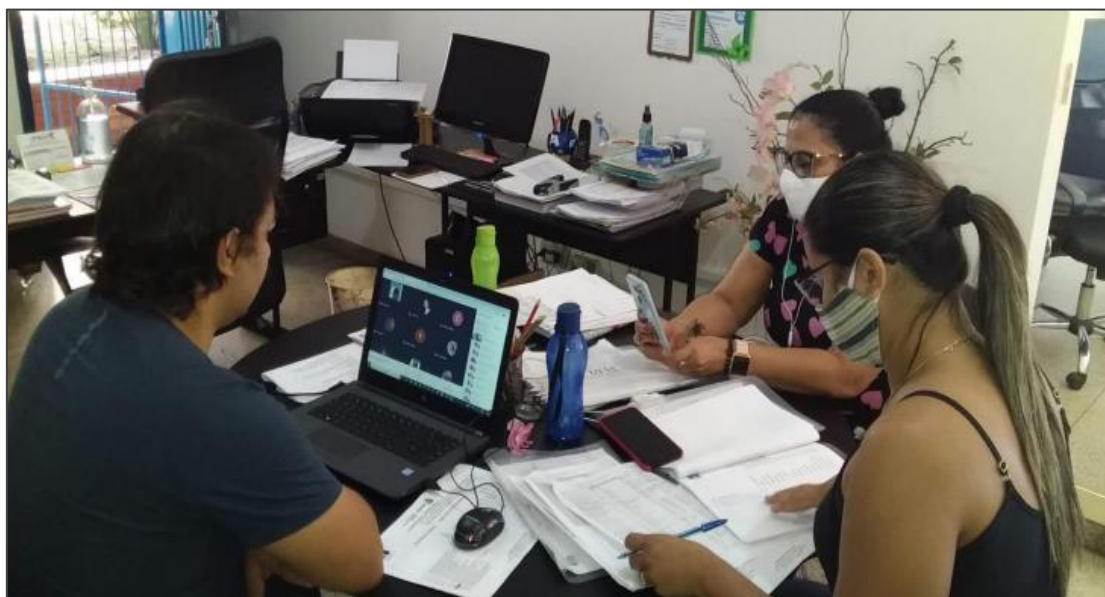
Fonte: PPP- Jardim Paulista, 2021.

Figura 8. Reuniões via *Google Meet* com alunos e equipe escolar



Fonte: PPP- Jardim Paulista, 2021.

Figura 9. Registro de conselho de classe



Fonte: PPP-Jardim Paulista, 2021.

Após as reuniões de planejamento, foram entregues os roteiros de estudo para que os alunos os retirassem na escola. Para os alunos que não podiam ir até a U.E., a equipe da escola fez entregas nas residências, garantindo a continuidade dos estudos dos alunos em casa.

Ano letivo 2020/2021 A Unidade Escolar tem buscado adequar-se às novas metodologias em todo o processo de retorno às aulas não presenciais, durante a pandemia. Oferecemos diversas alternativas aos alunos para que tenham acesso aos roteiros semanais, como: impressos, para pegar na UE, via plataforma classroom, via WhatsApp, via e-mail e entrega domiciliar, se necessário. Em relação aos alunos que recebem material impresso, temos controle por turma, colocando nome de quem pegou o kit. (PPP-Jardim Paulista, 2021, p. 32)

Neste período de pandemia, a entrega dos roteiros só foi possível por meio do uso das plataformas digitais. Os roteiros eram disponibilizados aos alunos através de plataformas como Google Sala de Aula, e-mails e grupos de WhatsApp. Essas tecnologias permitiram a disseminação de materiais de estudo, mantendo o vínculo entre a escola e os estudantes. De acordo com Queiroz (2016, p. 36), entende-se que:

O uso das tecnologias educativas pode contribuir para a educação como uma proposta didático-pedagógica. Nessa perspectiva, valeu-se de plataformas digitais como o *Google Meet* para realizar as microaulas e o *Canva* para produzir vídeos e folder (Queiroz, 2016, p. 36).

Ainda segundo Queiroz (2016), os recursos didáticos, como as plataformas digitais, são fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, pois possibilitam aos docentes diversificar as propostas de atividades e viabilizar práticas pedagógicas mais eficazes. O uso dessas plataformas foi uma grande aliada durante o ensino remoto, pois permitiu a continuidade dos estudos mesmo à distância. Nesse contexto, o autor destaca que “a informatização nas escolas é um projeto antigo, que ao que parece não teve sua implementação levada a sério pelos governantes” (2016, p. 36).

Para Passos (2017, p. 28):

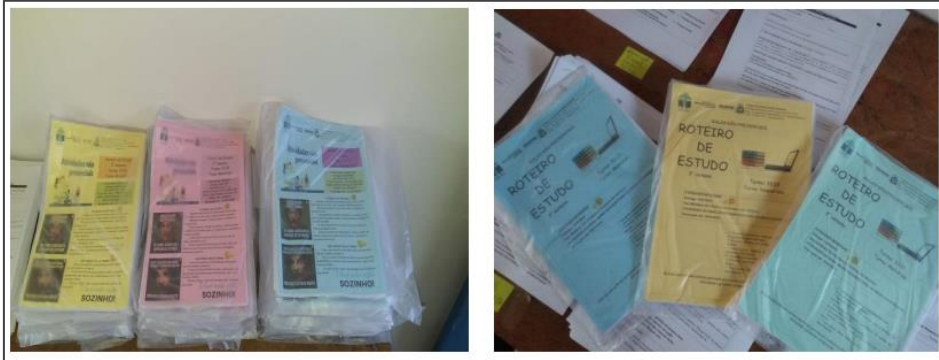
[...] o Proinfo foi criado em 1997, com financiamento do Banco Mundial, tendo com a meta a informatização, em etapas, das escolas públicas brasileiras, no contexto das reformas educacionais da década de 90 e das discussões sobre a Sociedade da Informação no Brasil (Passos, 2017, p. 28).

A pandemia agravou as disparidades de gênero, raciais, sociais e regionais no sistema educacional do país. Um dos problemas estruturais dessa situação foi a falta de acesso à internet para assistir às aulas online, o que, conseqüentemente, gerou um dos maiores desafios na educação: o abandono (evasão) escolar.

Assim, logo começaram a aparecer os primeiros problemas com relação ao ensino remoto, que vão desde a falta de recursos tecnológicos e acesso a uma internet de qualidade, até a falta de formação para manuseio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que vão muito além das redes sociais (Diniz; Silva, 2020, p.05)

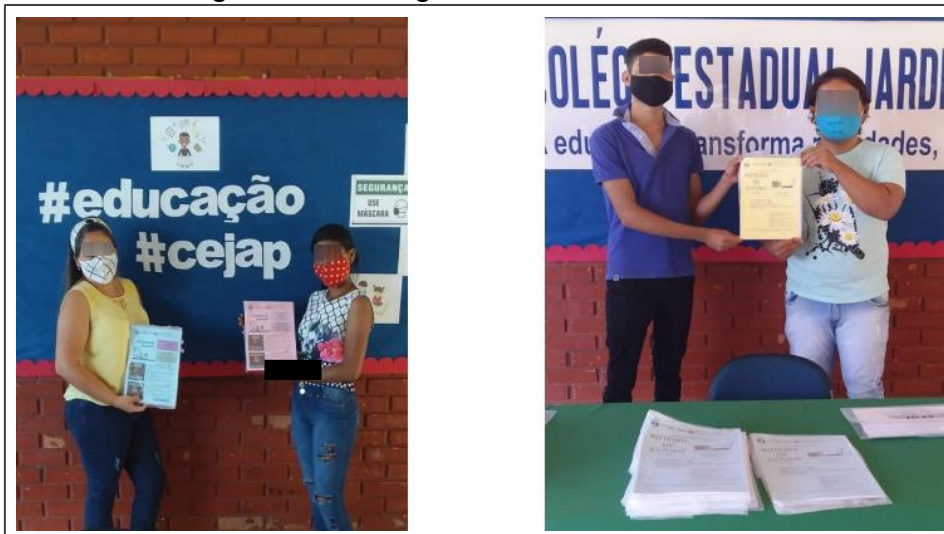
Devido aos diferentes contextos sociais e econômicos dos estudantes da escola, o acesso aos meios tecnológicos variava. Alguns alunos tinham facilidade para acessar as plataformas online, enquanto outros não possuíam esse acesso. O acesso à internet, às mídias sociais e aos smartphones ainda é bastante desigual nas escolas públicas, especialmente na escola da pesquisa, onde a maioria dos alunos é de baixa renda.

Figura 10. Roteiros prontos e impressos na UE.



Fonte: PPP-Jardim Paulista, 2021.

Figura 11. Entrega dos roteiros na escola.



Fonte: PPP- Jardim Paulista, 2021.

Figura 12. Entrega dos roteiros *in loco*.



Fonte: Fonte: PPP- Jardim Paulista, 2021.

A realidade dos estudantes de baixa renda durante a pandemia foi preocupante. Muitos alunos enfrentaram dificuldades devido à falta de acesso aos recursos tecnológicos, como internet e dispositivos eletrônicos, enquanto a maioria das famílias teve que lidar com questões financeiras e emocionais. Dessa forma, a realidade dos estudantes da rede estadual pública foi ainda mais desafiadora, dificultando o acesso às aulas virtuais.

O processo de ensino e aprendizagem deve sempre considerar os contextos sociais em constante mudança e os indivíduos que os constituem ao longo da história da humanidade. Deve reconhecer que o ato de aprender ocorre em todos os contextos de transformação, tanto na aprendizagem formal quanto na aprendizagem empírica, que envolve o conhecimento cultural do mundo. Nesse sentido, ficou mais evidente durante o período pandêmico a importância dos professores em sala de aula para o ensino e aprendizado dos alunos.

Durante a pandemia aconteceu ainda a ação de entrega dos kits de alimentação e higiene pessoal para os alunos matriculados em cada unidade escolar do estado e do município e a distribuição de alguns alimentos que estavam armazenados na escola, para que não fossem descartados pela questão da validade do produto. As atividades da UE passaram a ser pelo *Google Meet*. Assim, o planejamento das atividades, as formações e orientações repassadas pela Seduc/Drea, ação *Tô de Casa no Enem* e *Simulado do Enem*, entre outras, passaram a ser virtuais (PPP- Colégio Estadual Jardim Paulista, 2023, p. 19).

A pandemia de Covid-19, que se propagou em todo o mundo e chegou ao Brasil no início de 2020, deve ser considerada um fenômeno que impactou profundamente o sistema educacional, afetando diretamente o processo de ensino-aprendizagem. Isso ocorreu porque a construção do indivíduo é um processo contínuo, e a escola desempenha um papel fundamental nesse processo, influenciando tanto a vida quanto o futuro dos estudantes. O Colégio Estadual Jardim Paulista adota uma gestão democrática, fundamentada no Projeto Político Pedagógico (PPP), nas suas tomadas de decisões, nas quais a participação de todos é crucial, envolvendo a consulta e colaboração de todos os membros da comunidade escolar, para garantir que as necessidades de alunos e professores sejam atendidas de maneira eficaz.

Nesse aspecto, vale lembrar que, à medida que o processo de gestão democrática se realiza, seu fortalecimento demanda que sejam previstos os tempos e demais condições necessárias à sua plena realização, como atividades regulares e componentes das suas jornadas, e não um acréscimo a elas. Portanto, fazer a gestão democrática implica em algum trabalho, mas também no crescimento do coletivismo na escola. Nesse sentido, foi realizada a busca ativa por meio de mensagens e ligações aos estudantes e pais, visando, assim, a diminuição do abandono escolar. Como nos mostram as ações descritas abaixo:

Realizamos o diagnóstico com os alunos, via WHATSAPP e ligações, com objetivo de identificar as possibilidades que eles têm de acompanhar as aulas não presenciais remotas, online, e logo, concluímos que aulas online seriam completamente inviáveis ao nosso alunado. Identificamos diversas carências como, falta de aparelhos eletrônicos e de internet de qualidade, que possibilitasse o acompanhamento destes. (PPP- Colégio Estadual Jardim Paulista, 2021, p. 41).

Nesse sentido, foi realizada a busca ativa por meio de mensagens e ligações aos alunos, pais e/ou responsáveis, com o objetivo de diminuir os casos de desistência e abandono escolar. Nessa direção, como professora da escola em 2022 e mestranda, senti a necessidade de entender a percepção dos discentes e dos docentes da escola em relação à pandemia de Covid-19. Para tanto, realizei um questionário com o intuito de conhecer as dificuldades enfrentadas pelos professores e estudantes da rede básica de educação durante o período da pandemia de Covid-19 no Colégio Estadual Jardim Paulista, em Araguaína - TO.

#### 4.1.2 A percepção dos alunos sobre a pandemia

Foi realizado um questionário com os discentes, por meio do Google Formulários, em 2022, para identificar os desafios enfrentados por eles durante as aulas remotas na pandemia, a fim de compreender o processo de enfrentamento desses desafios.

Com o intuito de conhecer as dificuldades enfrentadas pelos discentes da rede básica de educação durante o período da pandemia de Covid-19 no Colégio

Estadual Jardim Paulista, em Araguaína - TO, a pesquisa foi realizada com 30 alunos do ensino fundamental, estudantes do 9º ano.

O questionário foi disponibilizado nos grupos de sala, nos quais alguns pais e alunos estavam inseridos e tinham acesso e disponibilidade para responder. No entanto, nem todos conseguiram participar devido a dificuldades financeiras. Durante o período pandêmico, algumas das maiores dificuldades enfrentadas pelos estudantes incluíram a falta de acesso adequado à internet e a dispositivos eletrônicos, dificuldades em manter a motivação e a disciplina para estudar em casa, a falta de interação social e o suporte presencial dos professores, além de desafios emocionais e de saúde mental.

No gráfico 1 verificamos as respostas para a pergunta: “Quais as maiores dificuldades encontradas para realizar o estudo em casa, devido ao isolamento social?”.

Gráfico 1. Dificuldades encontradas pelos alunos para estudar em casa



Fonte: dados da pesquisa 2022.

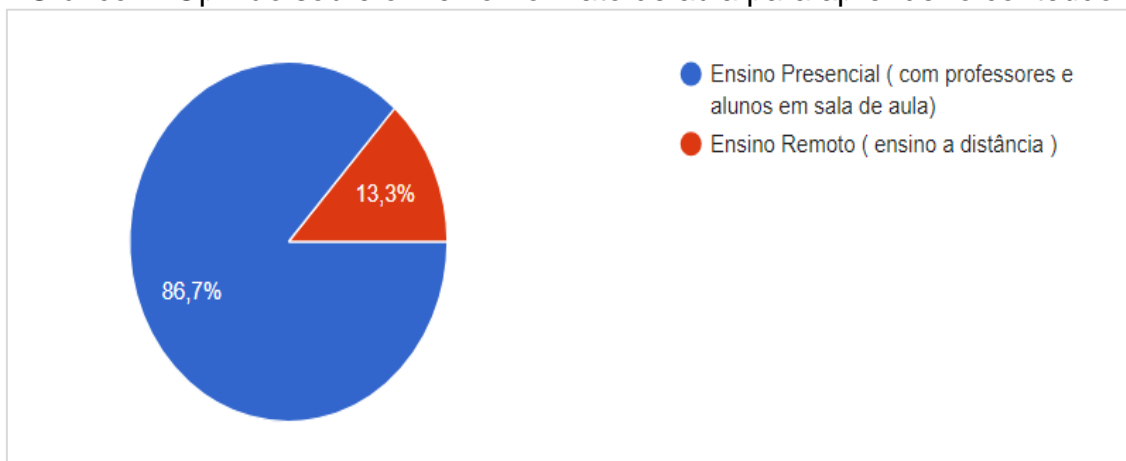
No gráfico 1, podemos perceber que a maioria dos estudantes conseguiu realizar as atividades em casa, seguidos por aqueles que conseguiam realizá-las parcialmente. Durante esse período de crise, em que a população foi obrigada a ficar em casa para evitar o aumento do contágio do vírus, alguns alunos enfrentaram dificuldades devido à falta de acesso à internet, falta de motivação, falta de suporte tecnológico ou problemas de concentração.

Naquele momento de pandemia, os docentes, em um contexto de extrema urgência, tiveram que organizar aulas remotas e atividades de ensino mediadas pela tecnologia, mas orientadas pelos princípios da educação presencial (Rosa, 2020), necessitando possuir habilidades com diversas ferramentas voltadas para

o manejo tecnológico, como, por exemplo: *Google Meet*, *Plataforma Moodle*, *Chats* e *Live* (transmissão ao vivo).

Com a intenção de identificar a preferência dos estudantes em relação às modalidades de ensino, realizamos a seguinte questão: 'Na sua opinião, qual o melhor formato de aula para aprender o conteúdo estudado?' As respostas podem ser vistas no gráfico 2.

Gráfico 2. Opinião sobre o melhor formato de aula para aprender o conteúdo



Fonte: dados da pesquisa, 2022.

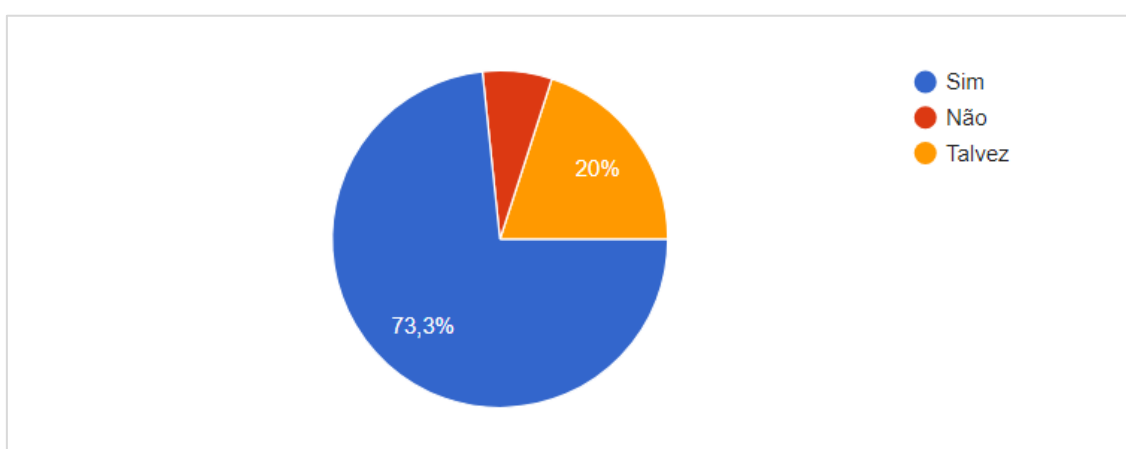
No gráfico 2, percebemos que, mesmo realizando as atividades em casa, os estudantes consideravam o formato presencial como o melhor para o aprendizado. O ensino presencial oferece uma interação mais afetiva e proporciona oportunidades de desenvolvimento social. As aulas são mais atrativas, e o professor consegue acompanhar de perto o progresso do aluno, visto que o modelo de ensino remoto deixou muitas lacunas no aprendizado.

A sugestão de educação remota na rede pública como um todo, pode ser percebida como um grande equívoco, pois, inviabiliza o acesso ao conhecimento da classe social menos favorecida, por não ter acesso as tecnologias digitais ou não possuírem condições de moradia adequada para acompanhar de maneira satisfatória os momentos de aulas virtuais, pois, moram em residências pequenas com poucos espaços para estudar. Outro ponto de vista é que durante o isolamento social os familiares estão confinados dentro de casa causando, por muitas vezes, estresse e as violências física ou psicológica. Os pais encontram muita dificuldade para ensinar as atividades escolares, dificultado pelos graus de escolaridade familiar, principalmente, os pais de estudantes da rede pública. (Miranda; Lima; Oliveira; Telles, 2020, p.05)

No momento de crise decorrente da pandemia, a melhor alternativa foi o ensino remoto, apesar dos desafios e limitações que poderiam surgir. O ensino remoto permitiu que os estudantes continuassem a ter acesso à educação durante os períodos de restrições e distanciamento social.

Sobre o isolamento social, enquanto medida de proteção e contenção da contaminação pelo coronavírus, perguntamos aos discentes: “Em algum momento você se sentiu inseguro ou ansioso para realizar o estudo em casa?”

Gráfico 3. Dados sobre a segurança dos estudantes ao estudar em casa durante a pandemia

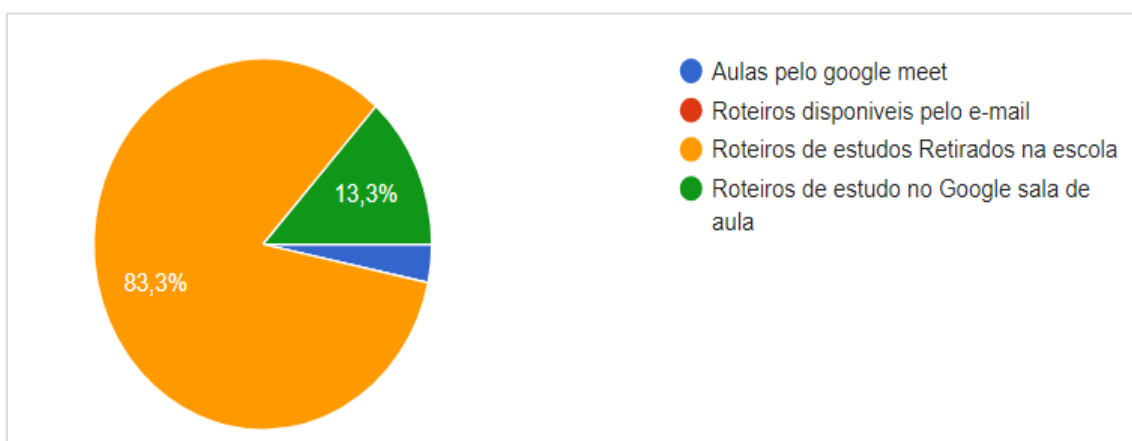


Fonte: dados da pesquisa, 2022.

No gráfico 3, é possível perceber que a grande maioria dos estudantes não se sentiam seguros para frequentar as aulas presenciais no período de pandemia, existiam várias razões pelas quais os estudantes não se sentiam seguros, um dos motivos era o medo de contrair o vírus, a preocupação com a falta de medidas de segurança adequadas ou a existência de casos confirmados que a mídia noticiava, outra grande preocupação era a falta de vacina, que demorou ser acessível a toda faixa etária da população.

Dando sequência ao questionário, nosso interesse era compreender a percepção dos estudantes em relação as metodologias utilizadas durante a pandemia, para isso, fizemos seguinte questão “No período da pandemia quais foram as metodologias que o Colégio Estadual Jardim Paulista disponibilizou para garantir o ensino e aprendizado?”

Gráfico 4. Dados sobre as metodologias que o Colégio Estadual Jardim Paulista disponibilizou para garantir o ensino dos estudantes.



Fonte: dados da pesquisa, 2022.

No gráfico 4, observamos que as metodologias adotadas pelo Colégio Estadual Jardim Paulista para as aulas remotas foram variadas, com o objetivo de diminuir a evasão e o abandono escolar. O principal modelo de estudo adotado foi a retirada de roteiros na escola, seguido pelo estudo no Google Sala de Aula. Devido à falta de acesso aos meios tecnológicos, a maioria dos estudantes optou pela retirada dos roteiros na escola, ficando alguns meses sem estudar devido ao isolamento necessário em nossa cidade. Após a aplicação dos questionários com os professores do Colégio Estadual Jardim Paulista, foi realizada a aplicação de um formulário de questões para os docentes.

#### 4.1.3 A percepção das professoras sobre a pandemia

Foi realizado um questionário com os docentes para entender as dificuldades enfrentadas por eles durante o período de ensino remoto. O questionário foi respondido por nove mulheres e um homem. A partir das respostas obtidas, decidiu-se focar na análise da experiência das professoras mulheres, a fim de compreender melhor os desafios específicos que elas enfrentaram.

Os professores que responderam ao questionário eram, em sua maioria, contratados temporários, com apenas um docente efetivo da rede estadual de educação. A seguir, apresentamos as falas de alguns professores sobre o período da pandemia. Embora todos tenham precisado se adaptar ao novo modelo de ensino remoto, nem todos reagiram de forma positiva a essa

mudança. Foi um período repleto de desafios, e muitos professores enfrentaram problemas de saúde mental, relacionados à falta de tempo devido à jornada de trabalho exaustiva.

Nesse sentido, foi perguntado aos professores sobre a sua saúde mental durante o período da pandemia: “Como você se sentiu no período da pandemia? Gostaria de fazer algum relato de experiência sobre a prática docente no período pandêmico?”. As respostas obtidas foram as seguintes:

*“Durante a pandemia tivemos muitas mudanças em nossas vidas, e percebo que nem tivemos tempo para nos recuperar das péssimas circunstâncias em que nosso país e o mundo estava passando”.*

Ainda relataram sobre a carga excessiva de trabalho decorrente do *home office*.

*“Fomos metralhados de informações e cobranças para conseguir dar conta de toda a carga de trabalho, era tudo novo para todos, mas os professores estavam em constante pressão para dar conta de tudo aquilo. Então, não nos foi dado nenhum suporte psicológico para que aguentássemos tantas coisas e ainda ter que estar disponível quase que 18 horas do dia para os alunos, pais e equipe gestora (com ligações, mensagens, reuniões, formações)”.*

Outras professoras relataram sobre as angústias e medos que sofreram nesse período. Uma das participantes relatou momentos de ansiedade: “*Me senti ansiosa tive muitas dificuldades que me faziam pensar em desistir da minha profissão*”; momentos de medo e de preocupação com tudo o que estava acontecendo: “*Preocupada com a saúde dos meus familiares. Os demais sentimentos conseguiam lidar tranquilamente*”. E, ainda, relatos sobre a saúde mental que ficou bastante prejudicada nesse período pandêmico: “*a saúde mental ficou bastante vulnerável e ansiedade de sempre ter algo por fazer e até hoje não superei totalmente*”.

Quando perguntadas sobre “Quais foram as maiores dificuldades encontradas para ministrar as aulas remotas durante o período da pandemia covid- 19?”, obtivemos as seguintes respostas:

*“A falta de acesso tecnológico dos estudantes. Muitos sem Internet e sem aparelho celular ou computador”, “Uma das maiores dificuldades para ministrar aulas remotas, sem dúvida foi a falta de recursos apropriados! Além de captar e reter a atenção dos alunos,*

*que nas aulas presenciais já não era uma tarefa simples, imagine nas aulas não presenciais”.*

As professoras ainda falaram sobre a falta de contato com os estudantes, *“A falta de contatos direto com os estudantes”*, e ainda falaram do abandono escolar de muitos alunos nesse período de pandemia, *“O retorno das atividades propostas. Muitas não eram realizadas pelos estudantes. Foi um período de muito abandono escolar”*.

Sobre os desafios encontrados nas plataformas digitais foi questionado: *“Os professores da escola receberam algum apoio/suporte para atuar em plataformas digitais durante a fase de ensino remoto?”*. Alguns professores responderam que tiveram suporte tecnológicos da equipe escolar e da secretaria da educação: *“O Estado ofereceu formações através de Lives”*; *“Sim. Algumas lives formativas. Mas a maioria aprendi sozinha ou pagando cursos externos”*. Também relataram que tiveram ajuda da equipe escolar, *“Sim. Quem sabia mais passava o conhecimento para os demais colegas de profissão. A SEDUC também disponibilizou algumas formações para os professores da rede”*.

Quando perguntadas sobre: *“Como ficou a sua rotina de trabalho, os atendimentos aos alunos funcionavam em quais horários? Sua rotina mudou? de que forma?”* Os professores responderam: *“O atendimento era nos mais variados horários. Mudou totalmente. Sobrecarga de trabalho, estresse, mudança da rotina diária, excesso de cobranças”*, *“Atendimento pelo WhatsApp a qualquer hora do dia”*. A maioria dos professores relataram que não tinham horário específico para atendimento: *“O dia todo, não tinha horário, eles mandavam mensagens de madrugada e assim as atividades eram desenvolvidas”*, *“Mudou totalmente! Trabalho totalmente sem rotina! Sem hora!”*.

Ainda quando perguntados *“Em relação a sua saúde mental, como você se sentiu no período da pandemia?”*, tivemos como respostas: *“Péssima e sem motivação”*, *“Medo”*. Nesse sentido, a pandemia evidenciou muitas situações que antes eram despercebidas no contexto escolar, especialmente, em relação à saúde mental. De acordo com Bezerra e Fernandes (2021),

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) (Organização das Nações Unidas [ONU], 2016) múltiplos fatores sociais, psicológicos e biológicos determinam o nível de saúde mental de uma pessoa. Pressões socioeconômicas contínuas, condições de trabalho estressantes, discriminação de gênero, exclusão social, violência e

violação dos direitos humanos, são fatores que têm contribuído para o adoecimento psíquico na sociedade contemporânea. (Bezerra e Fernandes, 2021, p. 02)

A pandemia evidenciou muitas dificuldades que já observávamos em sala de aula. O retorno após esse período foi assustador, considerando que os alunos tiveram pouco ou nenhum contato com as aulas presenciais. Foi um período complicado em relação à aprendizagem, e levaremos anos para conseguir superar esses déficits.

No contexto escolar, a interrupção das aulas presenciais também trouxe diversas consequências, tanto para o processo de ensino-aprendizagem quanto para a alimentação de crianças e jovens, muitos dos quais dependem das refeições gratuitas fornecidas pelas escolas.

No atual momento de pandemia, os docentes, num contexto de extrema urgência, tiveram que passar a organizar aulas remotas, atividades de ensino medidas pela tecnologia, mas que se orientarem pelos princípios, de educação presencial (ROSA, 2020), necessitando possuir habilidades com várias ferramentas voltadas para o manejo tecnológico, como, por exemplo: Google Meet, Plataforma Moodle, Chats e Live (Transmissão ao vivo) (Miranda; Lima; Oliveira; Telles, 2020, p.04)

O atendimento ocorria em horários variados, o que mudou totalmente. Houve sobrecarga de trabalho, estresse, alteração na rotina diária e excesso de cobranças.

Os professores imergidos nessas aulas síncronas e assíncronas, diferenciadas diariamente, composta por vídeo aulas (gravadas pelo próprio docente), incorporando os plantões pedagógicos via WhatsApp, o uso do classroom, na perspectiva de apresentar os conceitos do conteúdo aplicado, envio de atividades para resolução via grupos remotos, somado ao árduo artifício de conduzir uma interação entre os discentes durante o tempo estipulado para a determinada aula, viu-se desalojado de sua própria casa, que se converte em escola (Brunet; Santos; Anunciação, 2022, p. 89)

A saúde mental ficou bastante vulnerável, com a ansiedade constante de sempre haver algo a ser feito, e talvez ainda não tenha sido totalmente superada.

A mediação didática e pedagógica materializada, somados as demais funções que coexistem à docência, além da rotina doméstica inerente à vida, tem se convertido em acometimentos de estresse, cansaço e síndrome de burnout, aos profissionais da em educação, nas trilhas desvendadas desse território em sua magnitude a cada dia. (Brunet; Santos; Anunciação, 2022, p.89)

O desencadeamento da sobrecarga de trabalho docente no contexto da pandemia tem sido revelado, como destacado por Kanaase (1994), que afirma que o trabalho, quando realizado com afinco, exige esforço, concentração e raciocínio, implicando em desgaste físico e/ou mental, o que afeta a qualidade de vida. Esses aspectos têm sido vivenciados no fazer pedagógico contemporâneo. O cenário de inoperância, desvelado pela pandemia, impactou diretamente o processo de ensino (Brunet; Santos; Anunciação, 2022).

A seguir, os professores relataram alguns métodos de ensino que mais utilizaram no período da pandemia: busca ativa, grupos das turmas no *WhatsApp*, atendimento via grupos de estudo no *Google Classroom*, além de conversas privadas e individuais para tirar dúvidas, a qualquer dia e horário. Iniciamos com o ensino em plataforma online, mas o maior acompanhamento, devido à falta de tecnologias por parte dos estudantes, foi a retirada dos roteiros de estudo.

Em um País como o Brasil, em que as mazelas da educação são seculares, é e será difícil compreender esse momento ímpar, sem dúvida histórico e que marcará a educação brasileira por décadas. Mas vamos fazer um retrato, um recorte olhando para o Estado brasileiro do Tocantins. Como esse estado se organizou? Como interpretou a Pandemia no estado e nos seus municípios? Como se articulou diante de um cenário tão adverso para toda a comunidade escolar? É importante ressaltar, que a educação foi bastante impactada com a suspensão das atividades escolares. Propomos resgatar e acompanhar os impactos desse afastamento das atividades escolares, usando um recorte territorial no Estado do Tocantins e um recorte temporal do ano de 2020 e as primeiras ações já tomadas em 2021. (Leite, Junior, Glória, 2021, p.05).

As mazelas sociais e a pandemia tiveram um grande impacto negativo na vida das pessoas, aumentando as desigualdades, a pobreza e os problemas de saúde mental. O estado do Tocantins foi bastante afetado, assim como o restante do país. A situação da pandemia variou ao longo do tempo.

#### **4.2A vida das mulheres na pandemia**

A partir dos dados discutidos nos questionários realizados pelo Google Formulários, realizamos uma entrevista oral com quatro mulheres do Colégio Estadual Jardim Paulista. O roteiro da entrevista pode ser encontrado no Apêndice 3, e a entrevista foi realizada em janeiro de 2024.

Com base nos dados obtidos, as quatro professoras relataram como suas vidas foram impactadas durante o período pandêmico. Elas compartilharam as dificuldades enfrentadas ao precisar conciliar o trabalho, as atividades domésticas, a vida pessoal e os cuidados com a família, tudo dentro do mesmo ambiente: o lar.

#### 4.2.1 Caracterização das professoras

As professoras serão identificadas por nomes fictícios para preservar suas identidades. A primeira professora entrevistada foi Hellá, de 38 anos, que ministra aulas de Língua Portuguesa e atua há 8 anos na educação. Sua cor/raça é parda, ela não tem filhos e não é casada. A segunda professora foi Mel, de 47 anos, com 23 anos de experiência na educação, e ministra aulas de Sociologia. Sua cor/raça é preta, ela tem dois filhos e é divorciada. A terceira professora entrevistada foi Maria, de 43 anos, que ministra aulas de Projeto de Vida e Sociologia e trabalha na educação há 10 anos. Sua cor/raça é branca, ela tem dois filhos e é casada. A quarta entrevistada foi Celine, de 33 anos, que leciona Língua Portuguesa e Língua Inglesa e trabalha há 9 anos na educação. Sua cor/raça é branca, ela tem uma filha e é casada.

Durante o período da pandemia, as desigualdades de trabalho enfrentadas pelas mulheres se acentuaram, muitas vezes devido a diversos fatores, como o aumento das responsabilidades domésticas e de cuidados, além da dificuldade de conciliar o trabalho remoto com as demandas familiares.

As autoras Barroso e Lima (2023) nos fazem refletir sobre as desigualdades que muitas mulheres enfrentaram durante a pandemia. Essas desigualdades, que já existiam anteriormente, se intensificaram e se tornaram ainda mais evidentes devido ao isolamento, aos fatores de saúde, emocionais e ao acúmulo das funções domésticas.

As mulheres foram/são as mais afetadas pela pandemia, mas já eram muito antes desta nova crise, a qual joga luz para problemas históricos e sociais. Na situação atual, testemunha-se a justaposição entre trabalho doméstico não-remunerado e remunerado, tornando a casa um ambiente ambíguo, que comporta a produção acadêmica, bem como o trabalho doméstico e de cuidados das mulheres estudantes universitárias. Desde o começo de seu caminho como estudantes universitárias, as mulheres cientistas são obrigadas a aprender a negociar. A sociedade enxerga com desconfiança o seu trabalho,

muitas vezes desmotivando o trabalho acadêmico por elas desenvolvido. Mulheres sentem-se mais impossibilitadas de encontrar tempo e espaço para pesquisar, estudar e exercer outras atividades. (Barroso e Lima, 2023, p.06).

O papel da mulher no mundo trabalho passou por diversas dificuldades para chegar onde estão hoje, os preconceitos e desigualdades salarial não deixaram de existir.

Assim, logo começaram a aparecer os primeiros problemas com relação ao ensino remoto, que vão desde a falta de recursos tecnológicos e acesso a uma internet de qualidade, até a falta de formação para manuseio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que vão muito além das redes sociais. Em pesquisa recente sobre a formação de professores no norte do Tocantins, Queiroz (2020) sinaliza que as desigualdades sociais regionais do Brasil estão diretamente relacionadas à falta de autonomia do aluno para aprendizagem pelas TICs, além da ausência de qualificação profissional do professor para utilizar recursos digitais. Ademais, segundo pesquisa do Comitê Gestor da Internet (CGI), no Brasil (CGI, 2020), ainda hoje, 58% dos domicílios não têm acesso a computadores e 33% não dispõem de internet. (Diniz e Silva, 2020, p.05)

Diniz e Silva (2020) mostram que, no ensino remoto, ficaram evidentes as demandas e os acúmulos de tarefas exercidos pelas mulheres. As preocupações com a falta de conhecimento tecnológico, a ausência de capacitação para os professores e a forma abrupta como o ensino remoto foi imposto também causaram grande desconforto a essas professoras.

#### 4.2.2 Rotina de trabalho: tripla jornada

Por anos, as mulheres dedicaram suas vidas exclusivamente aos cuidados do lar. Durante a pandemia, muitas tiveram que conciliar o trabalho remoto com as responsabilidades domésticas e os cuidados com os filhos, o que gerou uma sobrecarga significativa. A falta de divisão clara entre vida profissional e pessoal, somada ao estresse da situação pandêmica, impactou a rotina de trabalho das mulheres de maneira desafiadora. A seguir, a autora Sueli Carneiro (2013) nos mostra que o movimento de mulheres no Brasil foi importante para garantir direitos, como os estabelecidos na Constituição de 1988.

O MOVIMENTO de mulheres do Brasil é um dos mais respeitados do mundo e referência fundamental em certos temas do interesse das mulheres no plano internacional. É também um dos movimentos com

melhor performance dentre os movimentos sociais do país. Fato que ilustra a potência deste movimento foram os encaminhamentos da Constituição de 1988, que contem por cerca de 80% das suas propostas, o que mudou radicalmente o status jurídico das mulheres no Brasil. A Constituição de 1988, entre outros feitos, destituiu o pátrio poder (Carneiro, 2013, p.117).

A autora Sueli Carneiro nos mostra que a Constituição de 1988 foi muito importante para as mulheres, sendo um marco em suas vidas. A pandemia, por sua vez, regressou esses avanços que as mulheres haviam conquistado ao longo dos anos, representando um grande retrocesso para muitas mulheres que estavam à frente de alguma função laboral.

Quando perguntadas sobre “Como ficou sua rotina de trabalho no período da pandemia?”; “Os atendimentos aos alunos funcionavam em quais horários?”; “Sua rotina mudou muito?”; “Relate como ficou nesse período de pandêmico e no pós-pandemia (retorno de forma híbrida)”, as professoras responderam:

*Bem, Wanessa eu tentava me organizar dentro do que era possível, conciliando a rotina de casa, da minha família, da minha filha, normalmente eu gravava vídeos explicando os roteiros que eram enviadas para os alunos é... e **usava meu WhatsApp para dar atendimento, e aí nesse caso esse atendimento era no meio da semana, no fim de semana de acordo com a necessidade do aluno.** (Professora Maria, 2024).*

*Ficou uma rotina bem difícil, bem complicada, porque a gente começou a trabalhar no remoto né, **a gente não tinha esse trabalho, a gente trabalhava dentro da sala de aula e, no entanto, quando a gente foi trabalhar com a pandemia a gente precisou se adequar a trabalhar com o computador, a trabalhar com celular, a está mais junto com aluno na parte é... da tecnologia.** Então, assim, foi algo muito difícil, bem complicado para gente trabalhar né, para desenvolver aquele ano da pandemia. (Professora Mel, 2024)*

As professoras falam sobre a sobrecarga do trabalho e sobre o fato de terem que aprender algo novo sozinhas, em casa. Foram muitos os desafios que cada uma delas teve que superar.

A seguir Barroso e Lima (2023) reafirmam que muitas mulheres sofreram e sofrem o peso das desigualdades sociais.

No Brasil atual, as mulheres permanecem sendo a figura responsável quando se pensa em cuidados da casa e da família, legitimada por uma sociedade patriarcal em que as desigualdades de gênero, as opressões e a discriminação das mulheres são naturalizadas. Mulheres ingressam no mercado de trabalho e são responsáveis pelo sustento da família, mas a sociedade ainda atribui exclusivamente às mulheres a responsabilidade pelas tarefas de cuidado, o que evidencia o

conceito histórico de divisão sexual do trabalho. Apesar de serem essenciais para o funcionamento da economia e dos lares, as tarefas de cuidado permanecem desvalorizadas e não reconhecidas como trabalho, dada sua não remuneração (Barroso e Lima, 2023, p.06).

Essas professoras tiveram que lidar com as dificuldades do trabalho tecnológico, visto que a maioria não tinha essa experiência prévia. Assim, foi preciso aprender e se reinventar às pressas, pois não tiveram tempo para se capacitar. Quando perguntadas sobre as maiores dificuldades encontradas para trabalhar no home office, elas nos relatam o seguinte:

*Eu acredito que foi o novo né, porque o novo quando ele vem querendo ou não, a gente é... sente um pouco desconforto e também por a gente não saber manusear. A gente já estava preocupado com a doença em si, com tudo que estava acontecendo e também porque devido também a gente ter que é... se... **reaprender né eu acredito que a palavra é essa, reaprender tudo aquilo que a gente precisava passar para o aluno e a gente saber também que a gente não estava dando cem por cento né acredito que foi isso.** (Professora Mel, 2024).*

*Eu acho que foi **lidar né com esse ensino remoto, primeiro foi o excesso de trabalho que vinha muito forte em cima de todo nós professores, mas eu acredito que o lado emocional que estava detonado né, que foi o medo, a ansiedade e o estresse atrapalhava muito mesmo durante esse momento**, mas o maior desafio eu acredito que tenha sido isso né, que foi o sentimento emocional e para lidar com todo esse sentimento de aula, e ao mesmo tempo ser cobrado e entregar tudo no tempo hábil. (Professora Hellá, 2024)*

*No Home Office foi a dificuldade de organizar essa rotina de forma efetiva, e assim para mim enquanto professora foi saber de fato se eles estavam absorvendo, absorvendo não, mas compreendendo o que a gente passava roteiros era minha maior dificuldade né, **porque ali no dia a dia na sala de aula a gente vê o aluno conversa com o aluno tem o retorno e isso não acontecia de maneira efetiva nesse período** (Professora Celine, 2024).*

***Ter que montar as aulas é... em vídeos, fazer vídeos chamadas, eu acho que o professor, eu acho que a grande maioria teve essa dificuldade porque o professor ele é, ele se forma para ter um contato com o aluno escrever no quadro que essas alunas**, não a distância, o professor ele tem as técnicas, mas assim a distância Home Office não tem uma experiência muito boa não, para mim não foi legal. (Professora Maria, 2024).*

A seguir, a autora Sueli Carneiro (2013) nos mostra que, nas últimas décadas, as mulheres tiveram avanços em relação às funções exercidas no mercado de trabalho. No entanto, mesmo trabalhando fora de casa, as mulheres ainda acumulam tarefas domésticas, que continuam sendo de sua

responsabilidade, incluindo aquelas que estão no mercado de trabalho. Essa dinâmica é diferente para os homens.

Embora as desigualdades salariais significativas entre homens e mulheres que ocupam as mesmas funções permaneçam, é inegável que a crítica feminista sobre as desigualdades no mercado de trabalho teve papel importante na intensa diversificação, em termos ocupacionais, experimentada pelas mulheres nas últimas três décadas. Um dos orgulhos do movimento feminista brasileiro é o fato de, desde o seu início, estar identificado com as lutas populares e com as lutas pela democratização do país. (Carneiro, 2013, p.118)

As professoras relatam suas dificuldades no *home office*, como a falta de habilidades para trabalhar com tecnologias. Elas tiveram que lidar com fatores como: medo da doença, ansiedade, excesso de trabalho, cobranças constantes, falta de retorno dos alunos, entre outros. Em relação à organização dos horários, precisaram se adaptar rapidamente ao ensino remoto, à gestão de múltiplas plataformas e à flexibilidade demandada pelas particularidades individuais dos estudantes.

#### 4.3 Cumprir os horários e metas diárias na pandemia

A seguir as professoras foram perguntadas sobre: “Como conseguiram organizar e cumprir seus horários diários?”; “Souberam separar os horários para o serviço e os horários para a família, casa e outras funções particulares?”. As respostas foram as seguintes:

*Eu, a gente, como era pandemia a gente não tinha muito, não saia muito né a gente ficava muito em casa, então **a gente já conseguia né, a gente conseguia é... organizar o horário daquelas atividades né passar para os alunos para gente corrigir, a gente passar as notas.** Então assim a gente aprendeu se adequar os nossos horários e aí a gente conseguia realizar as tarefas, as atividades. (Professora Mel, 2024)*

*É, assim como a maioria acredito né, eu acho que como que é? É, sim às vezes né, às vezes eu realmente conseguia fazer, **lidar com a minha família, estar com a minha família mais próxima, mas às vezes também eu tinha que conciliar o trabalho ao mesmo tempo né, esse trabalho Home Office não é fácil porque tudo ao mesmo tempo, conciliar está sempre cumprindo com as obrigações e tendo que cuidar de casa, da família e muitas vezes dos filhos, dos animais e tudo,** isso fica bem complicado. (Professora Hellá, 2024)*

*Nem sempre porque principalmente pelo uso constante do WhatsApp, grupos de escola atendimento aos alunos em períodos que muitas vezes extrapolavam **o período que seria dedicado ao expediente, então final de semana, feriado, a noite eles costumavam muito mandar mensagens bem tarde da noite então isso daí complicou um pouco.** (Professora Celine, 2024)*

*Não, **nunca consegui me organizar às vezes eu estava aqui dando aula online, aí aparecia um problema dentro de casa eu tinha que parar para resolver um problema dentro de casa porque eu tinha a minha sala de aula era dentro da minha casa.** Então assim foi bem complicado, eu acho que a pandemia ela transformou alguns professores positivamente, mas também teve alguns professores que **até hoje sofrem né com problemas psicológicos por causa pandemia.** (Professora Maria, 2024)*

Para Barroso e Lima (2023), o modelo de divisão sexual do trabalho é composto por dois fundamentos: a separação, que distingue os trabalhos 'de homens' e 'de mulheres', e a hierarquização, que atribui maior valor ao trabalho masculino. Esses princípios são legitimados pela ideologia naturalista, que associa o gênero ao sexo biológico e os papéis sociais ao destino natural da espécie. Sendo uma relação social, a divisão sexual do trabalho é moldada conforme as normas da sociedade, o que a torna uma construção passível de mudanças e não algo imutável.

Muitos professores relataram as dificuldades e desafios em lidar com a adaptação ao ensino remoto, à gestão de múltiplas plataformas, aos horários incomuns de atendimento aos estudantes, às reuniões com a equipe escolar e à falta de uma divisão clara entre a vida pessoal e profissional, o que também afetou a rotina dos professores na organização de seus horários e na manutenção do equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

A seguir Sueli Carneiro (2013) fala sobre as desigualdades no mercado de trabalho de trabalho entre homens e mulheres.

Embora as desigualdades salariais significativas entre homens e mulheres que ocupam as mesmas funções permaneçam, é inegável que a crítica feminista sobre as desigualdades no mercado de trabalho teve papel importante na intensa diversificação, em termos ocupacionais, experimentada pelas mulheres nas últimas três décadas. Um dos orgulhos do movimento feminista brasileiro é o fato de, desde o seu início, estar identificado com as lutas populares e com as lutas pela democratização do país. (Carneiro, 2013, p.118)

A luta das mulheres pela igualdade salarial é um aspecto crucial na busca por equidade de gênero no ambiente de trabalho. A disparidade salarial persistente, em que as mulheres recebem, em média, menos do que os homens pelo mesmo trabalho, precisa ser combatida. Para enfrentar essa desigualdade, é necessário promover a transparência salarial, implementar políticas que combatam a discriminação de gênero na remuneração e encorajar a representação feminina em posições de liderança, onde as decisões sobre salários frequentemente são tomadas.

### 4.3 Saúde mental das professoras no período pandêmico

No período da pandemia, a saúde mental dos professores foi uma grande preocupação, devido a fatores como o estresse adicional causado pela transição para o ensino remoto, sobrecarga de trabalho e a preocupação com o bem-estar dos alunos e familiares em razão da contaminação pelo vírus. Diante de muitas dificuldades e conflitos, as professoras entrevistadas relatam a seguir suas percepções sobre a saúde mental durante o período pandêmico.

Quando perguntadas sobre “Em relação a sua saúde mental, como você se sentiu no período da pandemia e no período pós-pandemia, com o retorno das aulas no formato híbrido?”, as respostas foram as seguintes:

*Para mim foi algo... me lembro no tempo da pandemia, eu me lembro um dia que eu sentei, né, com o computador ligado e comecei chorar, chorei que as lágrimas caindo eu comecei dizer que eu não dava conta, eu não ia conseguir, aí eu me lembro que o meu filho veio e falou: a senhora escolheu ser professora por quê? Pois, então, a senhora tem que se virar e aprender, e aí eu enxuguei as lágrimas e aí eu comecei a realmente é... correr atrás de aprender de fazer aquelas atividades, de elaborar questões, de realmente mexer na tecnologia. E eu consegui superar, quando eu voltei, a gente voltou, eu voltei com algumas dificuldades né, porque tudo era novo ainda a gente ainda tem medo da doença, a gente tinha medo que de acontecer o pior porque a gente escutava muitos rumores de que a pandemia não tinha acabado, então a gente ficou meio apreensivo. Mas, todavia, a gente foi se adequando né, ao trabalho e aí a gente terminou, né, passamos. (Professora Mel, 2024)*

*Sim, sim, a gente tinha muito medo. Aí quando a gente voltou, a gente ainda voltou usando máscara, mas aí a gente voltou com aquele trabalho que as cadeiras iam ficar um pouquinho longe, que a gente não ia ficar um pouco perto, que a gente não ia abraçar, mas parece que com decorrer do mesmo parece que a pandemia foi ficando*

**longe né, a doença, né, o covid foi ficando longe. E aí foi o tempo que a gente já foi colocando as cadeirinhas uma pertinho da outra. A gente já abraçava, dizia: meu Deus, eu não posso abraçar, mas ao mesmo tempo a gente abraçava, e assim a gente foi vivendo.** (Professora Mel, 2024)

**Eu acredito, eu acredito que não, é, assim como a maioria dos brasileiros eu desenvolvi a síndrome do pânico, tive ansiedade, coisas assim que ficou só entre mim e eu e a equipe escolar né. Fiquei em tratamento com psiquiatra, psicóloga, até hoje sou acompanhada claro que bem melhor, a pandemia ela trouxe um isolamento muito terrível. Medo da vida, da morte de tudo, sofria muito e acredito que muitas pessoas né, muitos colegas também da profissão desenvolveram alguma doença emocional, né tive muito medo, mas graças a Deus todos superados.** (Professora Hellá, 2024)

**Eu tive algumas crises de identidade, ou, de identidade não, de ansiedade é... por cobranças próprias também no período, nesse período da pandemia eu estava fazendo mestrado. Então eu tinha além das questões pessoais e profissionais eu ainda tinha esse objetivo novo na minha vida né que era cumprir o mestrado. Então, eu tive algumas crises de ansiedade nesse período outra coisa que era a pressão da escola, porque como a escola ainda não sabia como lidar com esse novo formato, com as aulas remotas, não sabia como que ia acontecer até por desinformação do governo eles cobravam os professores e isso daí foi algo que eu achei bem negativo; a maneira como era repassado essas informações. Então essa pressão da escola com os outros alvos específicos me cobrou bastante, me afetou mentalmente.** (Professora Celine, 2024).

**Na pandemia, eu sofri bastante com a ausência dos alunos por mais que eu estivesse ali conversando com eles, mas não tinha a presença física isso me deixou bem é... fiquei muito triste com essa situação e depois no momento depois passou a pandemia a gente poder receber esses alunos foi maravilhoso, só que teve o problema dos alunos não retornarem, não voltar a escola, ficar desmotivado e isso para gente nos entristeceu porque a gente não tinha como trazer esses alunos, porque eles já estavam adaptados ao formato das aulas Home Office. Então, até hoje, hoje dois mil e vinte e quatro, os alunos... ainda sim a gente precisa fazer a busca ativa.** (Professora Maria, 2024).

De acordo com a revista Arco (2021), o Ministério da Educação nos mostra que as mulheres são a maioria na atuação educacional, sendo, portanto, as mais prejudicadas em relação à sobrecarga e à saúde mental durante o período pandêmico.

Segundo dados do Censo Escolar de 2017, divulgados pelo Ministério da Educação, 80% de todos os docentes da rede básica de ensino são mulheres. No decorrer das rodas de conversas, Naiana comenta que percebeu a problemática relacionada às questões de gênero: "mulheres historicamente possuem uma sobrecarga maior. E, no relato das professoras, o que nós escutamos é que elas estão exaustas. São

mães também, possuem o trabalho remoto e, muitas vezes, precisam acompanhar os filhos nas atividades escolares, cuidar das tarefas da casa ou até mesmo ajudar algum familiar doente”. (Revista Arco, 2021 p. 01)

Os professores tiveram que lidar com questões de ansiedade, exaustão e sentimentos de isolamento. A pandemia afetou a saúde mental dos professores, como eles nos relataram na entrevista, uma vez que as pressões e desafios enfrentados durante o período pandêmico podem ter deixado sequelas emocionais.

#### **4.5 Aulas no formato remoto**

As aulas no formato remoto trouxeram desafios significativos, uma realidade vivenciada por muitas professoras durante a pandemia. A adaptação a novas plataformas de ensino, a necessidade de manter os estudantes engajados nos estudos, mesmo à distância, e a busca por maneiras criativas de criar e transmitir os conteúdos foram alguns desses desafios. Algumas professoras também relatam a dificuldade de ensinar à distância, além da desmotivação dos estudantes para entregar os roteiros de estudo. A pandemia acentuou o déficit na aprendizagem de todos os estudantes, sobretudo dos alunos de escolas públicas, como destaca o documento da Agência Senado (2021).

Quase um ano e meio após a autorização original, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) divulgou o primeiro levantamento com os impactos causados pelo vírus. A pesquisa *Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil*, que contempla toda a educação básica, aponta que 9 em cada 10 escolas (90,1%) não retornaram às atividades presenciais no ano letivo de 2020. No entanto, é na comparação entre as escolas públicas e particulares que as desigualdades começam a aparecer. No ensino privado, 70,9% das escolas ficaram fechadas no ano passado. O número é consideravelmente menor que o da rede pública: 98,4% das escolas federais, 97,5% das municipais e 85,9% das estaduais. (Agência Senado, 2021 p. 01)

A transição abrupta para o ensino remoto, a falta de acesso equitativo à tecnologia e a interrupção das rotinas escolares tradicionais tiveram resultados negativos para muitos estudantes, acentuando disparidades educacionais pré-existent e levantando preocupações sobre o déficit na aprendizagem. A

Agência Senado (2021) ainda destaca que a suspensão das aulas presenciais teve um grande impacto para os estudantes.

Ainda segundo o Inep, o Brasil registrou uma média de 279 dias de suspensão de atividades presenciais durante o ano letivo de 2020, não sem consequências sérias. O estudo *Perda de Aprendizagem na Pandemia*, uma parceria entre o Insper e o Instituto Unibanco, estima que, no ensino remoto, os estudantes aprendem, em média, apenas 17% do conteúdo de matemática e 38% do de língua portuguesa, em comparação com o que ocorreria nas aulas presenciais. (Agência Senado, 2021 p. 01)

A Agência Senado ainda destaca que a interrupção das aulas presenciais afetou o aprendizado. Muitos estudantes enfrentaram dificuldades para se manter motivados e engajados no ensino remoto, e as disparidades de acesso à tecnologia e suporte familiar também influenciaram negativamente a experiência educacional.

A seguir, as professoras relatam suas experiências e avaliam as aulas no formato remoto.

*Eu avalio que ela poderia até ser cem por cento se os alunos tivessem é... a responsabilidade de realmente usar a tecnologia para o estudo, mas como é... eles hoje, a gente sabe que tem a dificuldade muito grande, é... eu não avalio que seja cem por cento, realmente eu acho que fica um pouco a desejar, talvez porque uns também não tem a tecnologia, não tem um celular adequado, não tem na sua casa uma internet boa, então, eu penso que não dá para ser cem por cento, né, ainda precisa melhorar muito poderia sim, poderia ser cem por cento mas para ser cem por cento precisaria mudar muita coisa. (Professora Mel, 2024)*

*Olha, muito complicado, inadequado, né, até o momento da gente entender que era só mais uma ferramenta, a qualidade do ensino sem dúvida ela foi reduzida né, é uma estratégia de estudo, era para ser, porém, foi a única que nós tínhamos na época da academia, né. Então essa dificuldade de acesso ao manuseio das tecnologias, a falta de acesso à internet, eu acredito que os alunos ficavam muito dispersas. E esse avanço né, se tornou um atraso na verdade, o que era para ser um avanço se tornou um atraso, infelizmente. (Professora Hellá, 2024)*

*Eu não vejo de forma produtiva, eu acho que nós não alcançamos o que nós deveríamos ter alcançado durante esse período, não por falta de esforço, mas por falta de recursos e dos próprios alunos né, por toda uma questão né, por esse período pandêmico, a maioria dos alunos não tinham condições de acompanhar os roteiros e aulas online, então mesmo que nós gravássemos vídeos muitos não conseguiam assistir, e aí a escola optou por imprimir esses roteiros, só que lá na escola nós percebíamos que nem todos conseguiam buscar alguns porque estavam trabalhando eu estava viajando enfim por n motivos. E aí nós compreendemos que assim a maioria não conseguiu compreender o conteúdo mínimo daquela turma, daquela série e nem de realizar as atividades propostas, somado a isso nós temos o fato de nós termos sido condicionados a fazer roteiros que fossem resumos do conteúdo.*

***Então, nós temos consciência de que nem tudo que deveria ser passado foi de fato. Aí... ainda tem a questão da aprovação automática, não automática, mas aprovação em massa desses alunos que não conseguiam realizar o roteiro, então, assim... foram para outras séries sem terem obtido o mínimo conhecimento necessário. (Professora Celine, 2024)***

*Eu acho que na pandemia a forma remota não foi produtiva, porque não foi algo elaborado é... né uma coisa que a gente planejou para fazer foi algo inesperado. **Então, para mim não foi positivo, as aulas remotas não foram produtivas nesse tempo da pandemia.** (Professora Maria, 2024).*

Os desafios e dificuldades continuaram no retorno pós-pandemia, como a adaptação à nova normalidade, a recuperação do aprendizado perdido e a necessidade de lidar com possíveis traumas emocionais causados pela pandemia.

A respeito da descrição das atividades laborais desde o início da pandemia, 15,9% afirmaram que permaneceram trabalhando presencialmente desde o começo da pandemia até os dias atuais, ao passo que 18,2% informaram que tiveram a opção de trabalhar em *Home Office* no início da pandemia, mas já retornaram ao trabalho presencial, e 9,1% tiveram a opção de trabalhar *Home office* no início da pandemia e permaneceram até os dias atuais. 29,5% apontaram que não exerceram atividade remunerada desde o início da pandemia até os dias atuais, 18,2% que exerceram atividade remunerada no início da pandemia, mas atualmente não estavam desempenhando atividade remunerada, e 9,2% não exerciam atividade remunerada no início da pandemia, mas atualmente sim. (Barroso e Lima, 2023, p. 12)

Foram muitos os desafios; tiveram que se adaptar rapidamente ao novo formato de aulas, às tecnologias e aos métodos à distância. Elas também tiveram que conciliar suas responsabilidades profissionais com as demandas domésticas e de cuidados. Isso colocou as professoras em uma posição especialmente desafiadora, uma vez que a transição para o ensino remoto exigiu uma quantidade adicional de tempo e esforço para garantir a continuidade da educação dos estudantes.

Além disso, a falta de suporte adequado, tanto em termos de infraestrutura quanto de apoio emocional, intensificou a pressão sobre as educadoras. Muitas enfrentaram o desafio de manter a qualidade do ensino enquanto lidavam com suas próprias inseguranças e medos relacionados à

pandemia. Esse cenário resultou em um estresse significativo, afetando diretamente o bem-estar e a saúde mental dessas profissionais.

#### 4.6 Desafios e dificuldades no retorno das aulas pós-pandemia

O retorno das aulas no pós-pandemia gerou grandes preocupações, como traumas, medos e a adaptação ao ensino presencial. Proporcionar um ambiente escolar seguro foi uma preocupação de toda a equipe escolar. As professoras também mencionam a evasão escolar como uma preocupação, além de destacar que manter os estudantes interessados novamente nas aulas é uma tarefa árdua. Um ambiente acolhedor será fundamental para que os estudantes se sintam motivados e engajados no processo de aprendizagem.

Sobre a avaliação da aprendizagem dos alunos nesse retorno das aulas pós-pandemia, as professoras responderam:

*Eu avalio que não tem sido cem por cento né, **a gente ver ainda acontecendo muita evasão escolar, tem demais, evasão escolar é... precisamos, ainda não sei se o novo ensino médio, assim, tem tido é uma dificuldade muito grande dos alunos realmente entender o que eles querem, então, assim, eu acredito que ainda precisa melhorar bastante, bastante mesmo. Acho que a família e a escola precisa andar junto.** (Mel, 2024).*

*Normais, nunca mais, acredito. Meus alunos, eles foram marcados pela pandemia, né. Voltaram no ritmo mais lento, claro que o aprendizado foi prejudicado, a percepção foi nítida, né, nos primeiros dias. **Nós tivemos um grande momento de evasão escolar, muito mesmo, comportamentos muito estranhos, violentos, e é um processo que está sendo reconstruído dentro desse ambiente.** E esse ambiente que é entre a escola nós professores né a equipe e os alunos. (Professora Hellá, 2024).*

*Pouco proveitoso, **no pós pandemia nós percebemos o tanto que o período pandêmico foi ruim para escola, porque nós, primeiro nós não tínhamos como ter certeza dessa, dessa absorção de conhecimento dos alunos né, aí tivemos a aprovação, nós sabemos que muitos não conseguiram acompanhar os conteúdos, não fizeram as atividades e a evasão escolar aumentou muito durante esse período, inclusive, muitos não retornaram porque arrumaram emprego e aí optaram por abandonar os estudos.** Nós não conseguimos calcular o tamanho do prejuízo, mas eu imagino que tenha sido, aliás, né nem que eu imagino eu tenho percebido que foi enorme. (Professora Celine, 2024)*

*Eles não tiveram aproveitamento, eles não alcançaram as habilidades que deviam porque é impossível, né, diante de tantas... da doença, de morte de familiares. **Teve alunos que perderam famílias inteiras***

*com a doença, não tem como esse aluno focar nos estudos, fora o medo da família de o aluno voltar para as aulas e ter todo esse período, então os alunos deixou de aprender e hoje eles não querem mais seguir essa forma normal de estudo, eles não querem mais, ficaram desmotivados devido a pandemia. (Professora Maria, 2024)*

Durante o período pandêmico, a educação enfrentou desafios sem precedentes. A transição para o ensino remoto, a necessidade de garantir acesso igualitário aos meios tecnológicos, a adaptação dos professores a novas formas de ensino e a preocupação com o bem-estar emocional dos estudantes foram aspectos importantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos até aqui, é perceptível que a educação passou por uma mudança abrupta, assim como em outras áreas. Foi um desafio ainda maior, considerando a conjuntura da educação pública. No cenário em que ocorreu, os desafios enfrentados por professores e estudantes eram grandes, e as problemáticas eram inúmeras. Os professores tiveram que lidar com a falta de interesse dos estudantes, a escassez de equipamentos, o apoio insuficiente dos pais e a falta de suporte das instituições, entre outros fatores. A pesquisa abordará um enfoque qualitativo, visando mostrar a rotina das professoras durante o período pandêmico.

A pesquisa também verifica fatores desiguais no território brasileiro, como a falta de aparelhos tecnológicos para alunos das escolas rurais. As principais dificuldades dos discentes foram a ausência de internet, notebooks e computadores, além da dificuldade dos docentes para ministrar aulas durante esse período. Na maioria das vezes, o único meio tecnológico de acesso às aulas era o celular dos pais ou responsáveis.

É importante ressaltar a necessidade de reconhecer as dificuldades enfrentadas durante o período de pandemia, especialmente considerando que a escola recebe um número significativo de estudantes carentes. A pesquisa também abordará os desafios enfrentados pelos docentes para reduzir a evasão escolar.

Muitas adversidades surgiram nesse período, como ansiedade, crises de pânico e o aumento da jornada de trabalho, uma vez que muitas professoras eram mães, donas de casa e passaram a acumular uma jornada tripla, cuidando dos filhos e da casa enquanto trabalhavam no *home office*.

A pesquisa realizou uma entrevista oral com essas professoras, que também são mães e donas de casa, para entender seus anseios e as principais dificuldades que enfrentaram nesse processo árduo e desafiador para todas. Além de lidar com uma pandemia desconhecida, elas tiveram que reinventar a forma de ministrar aulas, aprender o básico de tecnologia para usar ferramentas como *Classroom*, *e-mail*, *Meet*, gravar e editar vídeos, entre outras, tudo de forma remota.

Dessa maneira, nossa pesquisa aponta o aprofundamento da sobrecarga de trabalho e da desigualdade de gênero durante o período da pandemia. As professoras, além de enfrentarem os desafios corriqueiros da profissão docente e as novas exigências impostas pela pandemia, se depararam com a necessidade de conciliar essa sobrecarga com as atividades domésticas e as responsabilidades familiares. Consideramos que essa sobrecarga configura formas de violência contra essas professoras, afetando dimensões emocionais, psicológicas e físicas. Embora tenha havido diversas adaptações e mudanças pelas quais passaram as escolas brasileiras durante a pandemia, essa violência de gênero foi naturalizada, sem problematização, nos contextos escolares e familiares.

## REFERÊNCIAS

SENADO FEDERAL. Pandemia acentua déficit educacional e exige ações do poder público. **Senado Notícias**, 07 jul. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/pandemia-acentua-deficit-educacional-e-exige-acoes-do-poder-publico>. Acesso em: 10 out. 2021.

ALMEIDA, A. C.; SANTOS, F. N. F.; LIRIO, V. S.; BOHN, L. Reflexões sobre as relações entre desigualdade de gênero, mercado de trabalho e educação dos filhos. **Observatório Socioeconômico da COVID-19**. Texto para discussão – 26, 2021.

ARAÚJO, S. C. L. G. DE, & YANNOULAS, S. C. **Trabalho docente, feminização e pandemia**. *Retratos Da Escola*, 14(30), 754–771, 2021.

ÁVILA, M. B.; FERREIRA, V. (Organizadoras). **Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres**. SOS CORPO Instituto Feminista para a Democracia; Instituto Patrícia Galvão- Recife: SOS Corpo, 2014.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. Artigo 6º. Acesso em: 10 out. 2022.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. **Presidência da República**, 20 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em 25 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Cidadania, 2020, p.36.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2020.

BEZERRA, A. R., FERNANDES, A. V. G. **Covid-19 e saúde mental: abordagens do pensamento crítico**. *Holos - Dossiê COVID-19 e o mundo em tempos de pandemia*, 37(3), 1-16, 2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Presidência da República**, 5 out. 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 10 dez. 2021.

BRUNET A. F. D. S.; SANTOS, A. C.; ANUNCIAÇÃO, V. S. **Educação pública, o fazer docente e os impactos da pandemia no pantanal de Aquidauana**. *Revista em Periódicos Hygeia*. Uberlândia-MG, 2022.

CASTELLS, M. **A revolução da tecnologia da informação**. Editora Paz e Terra, 2002.

CHAUI, M. **Participando do debate sobre mulher e violência**. In: *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 15-27.

DINIZ, V. L. **Currículo e sentidos de geografia em Timor-Leste: disputas na significação da identidade nacional timorense**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências – Campinas, SP: [s.n.], 2019.

DINIZ, V. L.; SILVA, R. A. **Formação de professores no período pandêmico: (im)possibilidades de ações e acolhimento no curso de Geografia da UFT/Araguaína**. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 10, e024711, p. 1-18, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.24711>.

**ESTADÃO**. Mesmo com auxílio emergencial, 1 em cada 4 brasileiros viveu abaixo da linha de pobreza em 2020. **O Estado de S. Paulo**, 22 abr. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/mesmo-com-auxilio-emergencial-1-em-cada-4-brasileiros-viveu-abaixo-da-linha-de-pobreza-em-2020/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, M. C.; OLIVEIRA, A. A. ALCARÁ. Entrevista: **Um relato de aplicação da técnica**. Seminário de Ciências em Informação. Londrina-Paraná, 2016.

GUIMARÃES, P. C. **De trabalhadoras a militantes: a luta das mulheres do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Campinas-SP**. Dissertação de Mestrado – Campinas, SP: [s.n.], 2016.

UOL EDUCAÇÃO. Desigualdades da educação durante a pandemia. **UOL Notícias**, 28 abr. 2021. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/04/28/desigualdades-da-educacao-durante-a-pandemia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 07 jan. 2025.

INEP. Divulgados dados sobre impacto da pandemia na educação. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)**, 10 set. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/divulgados-dados-sobre-impacto-da-pandemia-na-educacao>. Acesso em: 18 dez. 2021.

LAMPARINA. Desigualdade educacional no Brasil é agravada pela pandemia. **Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)**, 30 nov. 2020. Disponível em: <https://sites.ufop.br/lamparina/blog/desigualdade-educacional-no-brasil-%C3%A9-agravada-pela-pandemia>. Acesso em: 10 nov. 2021.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MIRANDA, K. K. C. O.; LIMA, A. S.; OLIVEIRA, V. C. M. O.; TELLES, B. S. **Aulas remotas em tempo de pandemia: desafios e percepções de professores e alunos.** Congresso Nacional de Educação. Maceió-AL, 2020.

PODER 360. 55% dos alunos não tinham acesso à internet em aulas remotas, diz IBGE. **Poder360**, 06 jul. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/55-dos-alunos-nao-tinham-acesso-a-internet-em-aulas-remotas-diz-ibge/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

OLIVEIRA, A. C.; OLIVEIRA, G. S., A.; CORRÊA, A. M. C. **A história oral: uma metodologia de pesquisa qualitativa.** *Revista Prisma*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 2021.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

PASSOS, M. S. C. **Contextualizações e recontextualizações nas políticas da TIC e educação: um estudo sobre o Proinfo Integrado, na Bahia.** 2017.

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral.** São Paulo: Letra e Voz, 2010. 258p.

**Projeto Político Pedagógico (PPP).** Escola Estadual Jardim Paulista, 2021.

**Projeto Político Pedagógico (PPP).** Escola Estadual Jardim Paulista, 2023.

QUEIROZ, A. M. D. **Análise geográfica sobre o espaço virtual de ensino a partir das experiências na Educação a Distância da Universidade Aberta do Brasil no Norte de Minas Gerais.** Tese de Doutorado. Uberlândia/MG, 2016. 229 f.: il.

QUEIROZ, A. M. D. **Formação de professores de Geografia na Amazônia: TIC e Ensino no Norte do Tocantins.** *Revista Ciência Geográfica*, Bauru, v. 24, n. 1, p. 375-402, jan./dez. 2020.

SAHLINS, M. **Ilhas de histórias.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SANTOS, Jaciane Trindade, in: VILELA, O. **Violência contra mulher nos espaços urbanos da cidade de Manaus-AM: dois anos antes e dois anos depois da Lei Maria da Penha.** São Paulo, 2011. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências.

## **APÊNDICES**

### **Apêndice A – Roteiro de perguntas para realização do questionário Google formulários, realizado com os docentes do Colégio Estadual Jardim Paulista.**

1. Quais foram as maiores dificuldades encontradas para ministrar as aulas remotas durante o período da pandemia covid- 19?
2. Na sua escola você teve apoio pedagógico para esse novo formato de aula?
3. Quais metodologias você mais utilizou para ministrar as aulas remotas?
4. Os professores da escola receberam algum apoio/suporte para atuar em plataformas digitais durante a fase de ensino remoto?
5. Que tipo de apoio/suporte foi (foram) ofertado(s)?
6. Quais estratégias utilizadas com maior frequência pela escola para interação com os professores?
7. Quais estratégias utilizadas para o atendimento aos estudantes no ensino remoto?
8. Qual metodologia adotada para não deixar o aluno abandonar/desistir das aulas remotas?
9. Como ficou a sua rotina de trabalho, os atendimentos aos alunos funcionavam em quais horários? Sua rotina mudou? De que forma?
10. Como você avalia as aulas no formato remoto?
11. Como você avalia o aprendizado dos alunos nesse retorno as aula pós-pandemia?
12. Em relação a sua saúde mental, como você se sentiu no período da pandemia? Gostaria de fazer algum relato de experiência sobre a prática docente no período pandêmico?

**Apêndice B – Roteiro de perguntas para realização do questionário Google formulários, realizado com os discentes do Colégio Estadual Jardim Paulista.**

1. Qual seu gênero?
2. Qual a sua idade?
3. Sobre as aulas remotas no período da pandemia: Que tipo de acesso à internet você tinha em casa?
4. No período da pandemia quais foram as metodologias que o Colégio Estadual Jardim Paulista disponibilizou para garantir o ensino e aprendizado?
5. Quais as maiores dificuldades encontradas para realizar o estudo em casa, devido ao isolamento social?
6. Quando se trata do estudo em casa, quem auxiliava você?
7. Qual disciplina você teve mais dificuldade para estudar em casa no período de isolamento social?
8. Quanto tempo você dedicava ao estudo por dia, em casa?
9. Você se sentiu seguro ao estudar em casa e não se expor a contaminação do vírus da Covid-19?
10. Em algum momento se sentiu inseguro ou ansioso para realizar o estudo em casa?
11. Em relação a sua aprendizagem no período da pandemia.
12. Na sua opinião, qual o melhor formato de aula para aprender o conteúdo estudado?"

## **Apêndice C – Roteiro de Entrevista com as mulheres professoras do Jardim Paulista**

1. No período da pandemia como ficou a sua rotina de trabalho?
  - Os atendimentos aos alunos funcionavam em quais horários?
  - Sua rotina mudou muito? Relate como ficou nesse período de pandêmico e no pós-pandemia (retorno de forma híbrida).
2. Os professores receberam algum apoio ou suporte para atuar em plataformas digitais durante a fase de ensino remoto?
3. Quais as maiores dificuldades encontradas para trabalhar no *home office*?
4. Você conseguia organizar e cumprir seus horários diários? Soube separar os horários para o serviço e os horários para a família, casa e outras funções particulares?
5. Em relação a sua saúde mental, como você se sentiu no período da pandemia e no período pós-pandemia, com o retorno das aulas no formato híbrido?
6. Como você avalia as aulas no formato remoto?
7. Como você avalia o aprendizado dos alunos nesse retorno das aulas pós-pandemia.

## **Apêndice D – Termo de consentimento Livre e Esclarecido**



### **CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA CAMPUS ARAGUAÍNA**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa: “A PANDEMIA DO COVID-19 NO COLÉGIO ESTADUAL JARDIM PAULISTA NA PERSPECTIVA DAS MULHERES PROFESSORAS”, desenvolvida por WANESSA LORENNA DE SOUSA MIRANDA COSTA, em nível de mestrado, sob a orientação de Vanessa Lessio Diniz, da UFNT.

Para que você possa contribuir com a pesquisa, é preciso que você assine esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que nada mais é que um documento em que os convidados a participar de pesquisas científicas são informados de todas as características, objetivos, procedimentos, riscos e garantias ao participante, entre outros aspectos relacionados às pesquisas, além de fornecerem ao pesquisador sua anuência para a realização do estudo.

Essa pesquisa tem como objetivo analisar os impactos e desafios da pandemia do Colégio Estadual Jardim Paulista a partir da perspectiva das mulheres professoras durante o ensino remoto, o retorno das atividades de forma híbrida e as principais alterações na rotina do trabalho pós-pandemia.

Para desenvolver os dados necessários à pesquisa, será necessário que você responda uma entrevista semiestruturada, contendo perguntas sobre o período pandêmico no Colégio Jardim Paulista.

Nós garantimos a você a manutenção do sigilo sobre as informações que nos fornecer, além de garantir preservação à sua privacidade. Porém, há a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional dos dados que você está me fornecendo. Quanto a isso, informamos que se você sofrer qualquer prejuízo material ou imaterial comprovadamente relacionado à nossa pesquisa, você terá direito à indenização nos termos da lei. Você ainda poderá se sentir cansado ou desanimado durante os diálogos. Também poderá haver desconforto quanto às discussões sobre ensino de biologia e diversidade sexual e de gênero. Caso você não se sinta confortável, em qualquer momento, poderá desistir sem ter que nos dar maiores informações.

Essa pesquisa também não prevê benefícios diretos a você, mas tem o potencial de contribuir com a área de pesquisa em Educação e Interdisciplinaridade. A legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisas. Por outro lado, você não terá nenhuma despesa advinda de sua participação. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido pelos pesquisadores.

Informamos ainda que, a qualquer momento, você pode desistir da participação nesta pesquisa e retirar o seu consentimento sem qualquer prejuízo ou penalização. Duas vias deste documento estão sendo rubricadas e assinadas por você e pelo pesquisador responsável. Guarde-a, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa. O pesquisador responsável compromete-se a:

- Conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 510 de 07 de abril de 2016, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa. Nessa resolução (artigo 28o, inciso IV), é mencionado que o pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos, após o término da pesquisa.

- Você poderá entrar em contato com os pesquisadores da seguinte forma:

Dados do pesquisador: -----

E-mail: -----

**(Nome e assinatura do pesquisador)**

Pesquisador responsável

Participante da pesquisa

Assinatura